



Janaina Collar Beccan
João Beccan de Almeida Neto

Integridade

Saúde

Democracia

Psicanálise

Ética

Sociedade

Sujeito

Completude

Bioética

SUJEITO E

EXISTÊNCIA:

O traçar da sociedade
através da Psicanálise e
Bioética



Janaina Collar Beccon
Joao Beccon de Almeida Neto

Integridade

Democracia

Saúde

Psicanálise

Ética

Série Saúde,
Psicanálise e Bioética

Sociedade

Sujeito

Completude

Bioética

SUJEITO E EXISTÊNCIA: O traçar da sociedade através da Psicanálise e Bioética

Coordenador Geral da Associação Rede UNIDA

Alcindo Antônio Ferla

Coordenação Editorial

Editores-Chefes: Alcindo Antônio Ferla e Héider Aurélio Pinto

Editores Associados:

Carlos Alberto Severo Garcia Júnior, Denise Bueno, Diéssica Roggia Piexak, Fabiana Mânicia Martins, Fernanda Cornelius Lange, Frederico Viana Machado, Jacks Soratto, João Batista de Oliveira Junior, Júlio César Schweickardt, Károl Veiga Cabral, Márcia Fernanda Mello Mendes, Márcio Mariath Belloc, Maria das Graças Alves Pereira, Michelle Kuntz Durand, Quelen Tanize Alves da Silva, Ricardo Burg Ceccim, Roger Flores Cecon, Sheila Rubia Lindner, Stela Nazareth Meneghel, Stephany Yolanda Ril, Suliane Motta do Nascimento, Virginia de Menezes Portes

Conselho Editorial:

Adriane Pires Batiston (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil).

Alcindo Antônio Ferla (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

Àngel Martínez-Hernández (Universitat Rovira i Virgili, Espanha).

Angelo Stefanini (Università di Bologna, Itália).

Ardigó Martino (Università di Bologna, Itália).

Berta Paz Lorido (Universitat de les Illes Balears, Espanha).

Celia Beatriz Iriart (University of New Mexico, Estados Unidos da América).

Denise Bueno (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

Emerson Elias Merhy (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil).

Érica Rosalba Mallmann Duarte (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

Francisca Valda Silva de Oliveira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil).

Héider Aurélio Pinto (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil).

Izabella Barison Matos (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil).

Jacks Soratto (Universidade do Extremo Sul Catarinense).

João Henrique Lara do Amaral (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil).

Júlio Cesar Schweickardt (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil).

Laura Camargo Macruz Feuerwerker (Universidade de São Paulo, Brasil).

Leonardo Federico (Universidad Nacional de Lanús, Argentina).

Lisiane Bôer Possa (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil).

Luciano Bezerra Gomes (Universidade Federal da Paraíba, Brasil).

Mara Lisiâne dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil).

Márcia Regina Cardoso Torres (Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil).

Marco Akerman (Universidade de São Paulo, Brasil).

Maria Augusta Nicoli (Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália).

Maria das Graças Alves Pereira (Instituto Federal do Acre, Brasil).

Maria Luiza Jaeger (Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil).

Maria Rocineide Ferreira da Silva (Universidade Estadual do Ceará, Brasil).

Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira (Universidade Federal do Pará, Brasil).

Priscilla Viégas Barreto de Oliveira (Universidade Federal de Pernambuco).

Quelen Tanize Alves da Silva (Grupo Hospitalar Conceição, Brasil)

Ricardo Burg Ceccim (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

Rossana Staevie Baduy (Universidade Estadual de Londrina, Brasil).

Sara Donetto (King's College London, Inglaterra).

Sueli Terezinha Goi Barrios (Associação Rede Unida, Brasil).

Túlio Batista Franco (Universidade Federal Fluminense, Brasil).

Vanderléia Laodete Pulga (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil).

Vanessa Iribarrem Avena Miranda (Universidade do Extremo Sul Catarinense/Brasil).

Vera Lucia Kodjaoglanian (Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil).

Vincenza Pellegrini (Università di Parma, Itália).

Comissão Executiva Editorial

Alana Santos de Souza

Jaqueleine Miotto Guarneri

Camila Fontana Roman

Carolina Araújo Londero

Revisão Janaína Matheus Collar Beccan e João Beccan de Almeida Neto**Imagen da capa** Janaína Matheus Collar Beccan**Diagramação** Janaína Matheus Collar Beccan**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)****S948****Sujeito e existência:** O traçar da sociedade através da Psicanálise e Bioética /Janaína Collar Beccan; João Beccan de Almeida Neto (Organizadores) – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2026.
124p. (Série Saúde, Psicanálise e Bioética, v. 1).
E-book: PDF.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5462-223-3**DOI** 10.18310/97865546222331. Bioética. 2. Psicanálise. 3. Saúde Mental. 4. Violência. I. Título. II. Assunto.
III. Organizadores.**NLM WA 305****CDU** 159.964.2:608.1**Ficha catalográfica elaborada por Alana Santos de Souza – Bibliotecária – CRB 10/2738****Sujeito e existência: O traçar da sociedade através da Psicanálise e Bioética**

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252
www.redeunida.org.br



Sumário

Introdução	04
Psicanálise, a morada de algumas respostas	08
Corpo e aprisionamento	13
Ato de escuta e prática investigativa	19
Violência e preconceito	25
Inconsciente e sexualidade	29
Pena e individualidade	34
O tripé com selo de qualidade	38
O direito de estar só	43
Análise diligente	47
Dar de exemplo	52
E o mal do século ainda é o mesmo?	57
Disfarce	62
O desafio do hoje	66
Desenvolvimento das cidades	72
Sonhos e suas (possíveis) significâncias	76
Crime e controle social	81
Práticas e procedimentos	85
Carnaval	90
Individuação, a trilha através da equidade e não da segmentação	95
Crime de Golpe de Estado	100
Quando a resistência e transferência constroem caminhos	104
Acesso desigual à justiça	109
A construção do ser de suposto saber	113
O direito penal	118
Referências	122







Por aqui não tem prometemos o acesso a receita mágica e fantástica (contém ironia) de simples e indolor transformação de um estilo de vida ou de um saber único e erudito, esta obra promete construir pontes, escalas de borramentos e partilhar a beleza da interface contemporânea, que aqui entendemos como o que é a nossa realidade no hoje. Onde valorizamos a ancestralidade, ou seja, o que veio antes de nos, com seu campo simbólico e repertório político-cultural-social, mas também somos a geração de jovens adultos que sobreviveram a pandemia de covid-19, então há em nós a intensidade, o drama e há urgência. E aqui a urgência não se trata de uma emergência de saúde, nos aqui imersos em um caldeirão de perspectivas, cenários e diferentes realidades que precarizam acessos, nos propomos a traçar diálogos entre saúde mental com a psicanálise, sociedade, comportamento, cultura e sistemas penais. E para isso, vamos partilhar dos escritos de Deleuze e Guattari, Foucault, Sigmund Freud, Lacan, Zimerman, Louis Dumont, Geraldo Filme, Atahualpa Yupanqui, Mario Barbará e Cesar Passarinho.

Somos a geração nascida nos anos 80, nosso cenário são de mães/pais que não falam sobre seus sentimentos, experiências e trajetórias, com um pouco mais de atenção e profundidade (o silencio é ainda mais constante para os episódios dolorosos), seja porque são filhos de um tempo onde parece que funcionava o método “nega, nega, nega que desaparece”, seja porque hoje também contamos com a comunidade científica, colocando no debate, dado e relatos que comprovam os danos





em larga escala e profundidade que tal opção causou/causa em gerações de uma família, o que obviamente reverbera amplamente na sociedade. E assim, neste território habitado por diferentes pessoas que sequer se permitem nomear suas emoções e pessoas que acreditam que há uma janela de oportunidades para estabelecer diálogos, que ressignificam e trazem acolhimento para uma qualidade de vida, onde o que cada um sente, acha, diz e dá conta, realmente importa.

Então nossa geração em sua maioria, tem a escolha de fazer diferente, os pais dos filhos do novo milênio validam a criação de filhos, como seres desejantes e que tem potência de existência em seu processo tanto no âmbito familiar como social. E este crescente e significativo rearranjo transforma a invisibilidade e silenciamento não apenas de crianças, mas de uma comunidade inteira, e aqui cabe todo mundo e os que ainda virão a compor siglas (LGBTQIAP+) e levantes em prol do que é direito, desejo e relevante.

E neste abrir de portas, “nascem” uma nova esfera de especialidade, as quais o mercado a tudo capitalizou, há uma cartilha para cada escolha, há milhares de escolas e métodos inovadores, há alimentos especiais para cada tipo de alergia e alegria. Há também uma nova estética do conhecimento em literatura infantil: se antes os desenhos retratavam o mundo de forma binária (bom/mau), propagandas incentivavam a pressão aos pais em prol do consumo de brinquedos e doces, e claro do incentivo a





a rivalidade entre as crianças. Muitos dirão saudosos: ah este tempo era melhor, mais fácil, o certo era simples e proferido exclusivamente pelos poucos detentores de poder; mas somos resquício de tudo isso, e o residual apesar de não ter vindo com saldo positivo voluptuoso, hoje podemos dizer que é por uma infinidade de pontuações, perspectivas e humanização seletiva/arbitraria/racista/sexista/homofóbica (...) que vamos pontuar ao longo de 24 textos que congregam esta publicação.





Psicanálise,
a morada de
algumas respostas



Na passagem para o século XX, onde o solo escasso de ações e tratamentos em prol de pessoas acometidas por sintomas até então de cunho nervoso era restritos a médicos, onde qualquer variação era tida como não científica e praticada por filósofos, místicos e charlatões. Sigmund Freud, médico neurologista austríaco (1856/1939) e seus colaboradores sazonais cada qual com sua especificidade de formação e linha de pesquisa/interesse - reflexo de sua época - construíram pouco a pouco os fundamentos do que hoje estrutura-se como psicanálise. Ou seja, do que uma prática (marginalizada) considerada por muitos como não ciência, passa a ser o método que percorre não apenas continentes, mas o arcabouço de complexidades do que hoje chamamos de saúde mental.

Com Freud e a hipnose de Jean-Martin Charcot, médico neurologista e cientista francês (1825/1893) implementaram um instrumento importante no estudo das neuroses, o qual Freud se uniu no princípio de suas práticas profissionais como neurologista, tal prática mais tarde seria substituída pela catarse de Josef Breuer, médico e fisiologista austríaco (1842/1925). Freud com sua trajetória dos estudos da mente, constrói uma pesquisa baseada em estudos de casos (hipnose e catarse), o que ao longo de poucos anos é substituído pela associação livre (e escuta flutuante), que válida a narrativa do analisando, o que para início do século XX, foi um ato revolucionário.

No campo de evolução dos estudos de Freud, se estruturam a Primeira e a Segunda Tópica, em ambas há a divisão em três partes.





Sendo a Primeira Tópica (Teoria Topográfica): consciente, pré-consciente e inconsciente. Sendo o pré-consciente onde estão fatos da memória que podemos trazer ao consciente ao reviver uma lembrança. Os eventos mais profundamente recalcados no nível inconsciente não seriam da mesma forma tão facilmente acessíveis ao consciente por não estarem no pré-consciente. Segunda Tópica (Teoria Estrutural): o id (nossa parte mais primitiva/o desejo), o ego (se constitui entre id e superego) e o superego (padrões morais e leis).

O método de terapia criado por Freud foi inicialmente aplicado em casos de neuroses, como fobias e histerias. A interpretação se baseia na associação livre e no que se denomina de transferência em psicanálise, ou seja, o paciente fala sobre tema/situação de livre escolha sem receio ou julgamento e o psicanalista conduz a análise, realizando perguntas quando achar necessário. Neste cenário se estabelecem a psiconeurose de defesa, com termos como análise, análise psíquica, análise psicológica e análise hipnótica.

Uma maneira de ilustrar a evolução do pensamento ao longo dos últimos anos seria começar pelas três feridas narcísicas, onde a primeira é a descoberta de que a terra não é o centro do universo (Teoria de Copérnico), a segunda que os seres viventes neste planeta estão cada qual evoluindo juntos (Teoria de Darwin), e a terceira seria o inconsciente que vem com a psicanálise, onde muitas vezes as ações são influenciadas e fogem do entendimento racional, e beiram a características não previsíveis.





Neste prisma de fatos construímos uma narrativa de que ao longo da história o indivíduo foi se humanizando, e aqui quero dizer que ganhando espessura de camadas que passam também por afetos tidos como primitivos e/ou inconscientes. Pois, se pensarmos que ao longo destes anos vivemos duas grandes guerras, uma infinidade de guerras regionais e genocídios, desastres ambientais, mudanças de patamares econômicos, sociais e culturais, estas diversidades de acontecimentos fizeram implodir e ruir muitas das estruturas conservadoras e se construir o que hoje chamamos de sociedade de direitos. Onde os que redigiam o postulado de regras eram homens brancos e suas fortunas, colocando sobre sua custódia e “tratamentos” todos aqueles com potencial/desejo de questionar, tal postura hoje conhecida como a força do patriarcado, que para sua manutenção silencia e reprime, podendo ter inúmeras roupagem castradoras de direitos e defensora da manutenção de seus privilégios.

Até então, as práticas, dos estudos da mente estavam restritas as constatações de histeria, com “tratamento” e ações de ampla violência, mas que nas últimas décadas foram reconhecidas como abusivas e misóginas e/ou preconceituosas em vários níveis e aspectos. No tocante a esta linha do tempo, em que o que se sente e pensa importa, a psicanálise coloca luz e desenvolve o método que irá transformar não apenas uma nova geração de profissionais, mas que sedimentará uma nova forma de se atender/tratar/cuidar da saúde mental.





O progresso do que veio a ser constituído como psicanálise ganha espessura com a interrelação no estabelecimento de relações entre vida mental e os impulsos, desejos e suas especificidades. Assim como o estabelecimento de relações, experiências e conflitos nos primeiros anos da infância, e como estas vivências podem impactar no desenvolvimento do indivíduo na vida adulta.

O ato de olhar/tratar traumas e eventos que provocaram dores, pode impactar na vida mental e física de um indivíduo, a psicanálise é um método que pratica a remissão, ou seja, acessar o evento causa e assim procurar alternativas possíveis para se viver melhor. Onde não se promete cura, mas caminhos para superar com clareza de informações e ferramentas que podemos utilizar para no presente sabermos reagir, e assim impactar o seu/nosso futuro.



Corpo e Aprisionamento





O que é o corpo humano?

Qual a relação que temos com o nosso corpo?

Propriedade?

Isso são perguntas que só fazem sentido a partir do século XIX, quando a evolução do pensamento moderno busca cada vez mais na ciência e menos na religião as explicações sobre nossas relações sociais e com o universo. A própria Igreja católica fica mais terrena com o Vaticano, provocando também divisões que fomentaram a criação do Luteranismo e do Calvinismo.

A ideia de corpo humano sequer fez parte de qualquer conceito apartado da ideia de pessoa até este período histórico. Não à toa as execuções em praça pública envolviam suplícios com procedimentos específicos sobre o corpo como parte da sentença penal, inclusive com a determinação de encaminhar o corpo do condenado para servir de material de ensino para escolas de anatomia, pois os direitos de personalidade como conhecemos hoje tem como um dos principais marcadores a Revolução Francesa de 1789. Isso significa que ao longo dos últimos dois séculos fortalecemos cada vez mais que direitos e deveres se devem a pessoa e que corpo, conceitualmente, é definido como um tipo de objeto, cuja dignidade está associada a memória da pessoa quando viva, bem como ao seu pertencimento ao gênero humano.

Mas o que isso tem a ver com o Direito Penal de hoje?





Não executamos mais ninguém em patíbulos armados pelos seus carrascos, cuja profissão deixou de existir ao raiar do século XX. Muito embora os direitos humanos estejam associados ao respeito à dignidade humana, o corpo ainda é a unidade de medida e seleção quando estamos falando em promoção de políticas criminais. Quando criminalizávamos a prática da capoeira até a década de 1930, era o corpo da pessoa negra o objeto a ser controlado, até porque ainda vigorava um discurso criminológico em diferentes estudos publicados de que este corpo tinha mais propensão a cometer delitos. Quem lembra das expressões homem médio e mulher honesta? Nesse sentido, “discurso científico” chegou a defender que o chamado orgasmo feminino era um facilitador ou uma condição para que ocorresse a gravidez.

Isso não é só um discurso que culpa o corpo feminino, mas que também traz consequências do ponto de vista penal: uma mulher que alegasse ter sofrido abuso era descredibilizada (portanto não honesta) se do ato criminoso uma gravidez resultasse. Isso é controle de corpo e não podemos achar que isso ficou no passado. Hoje o discurso tem outra roupagem. Ainda reproduzimos discursos que segmentam pessoas conforme o corpo dessa pessoa.

Vou chamar a atenção de duas músicas bem conhecidas:
“O inferno vai ter que esperar” do grupo de rock gaúcho Rosa Tattuada.

&





“Cabocla Tereza” da dupla sertaneja Tônico e Tinoco, que já foi interpretada por inúmeros outros artistas.

À primeira vista as letras narram histórias de amor, de um homem inconformado com o fim do relacionamento. E elas comentam como a paixão masculina pode enveredar pela violência, por se sentirem descartados ou frustrados. Na versão sertaneja, o crime ocorre de fato:

“Lá no alto da montanha
Numa casinha estranha
Toda feita de sapê
Parei numa noite à cavalo
Pra mór de dois estalos
Que ouvi lá dentro bate
Apeei com muito jeito
Ouvi um gemido perfeito
Uma voz cheia de dor
Vancê, Tereza, descansa
Jurei de fazer a vingança
Pra morte do meu amor
Pela réstia da janela
Por uma luzinha amarela
De um lampião quase apagando (...).”





Já no rock gaúcho o autor comenta sua dor, mas não chega a consumar o delito:

“Ele sentiu que algo escapou
Souve que sua garota se foi
E com ela alguém
E o tempo passou, com raiva e solidão
Então numa noite, numa rua qualquer
Ele viu sua garota através da vitrine
E com ela alguém
E com ela alguém
(...)
Caminhou até lá
Uma arma na mão
Em frente aos dois
Uma arma na mão...”

Isso nos mostra como podemos associar a violência ao corpo feminino em submissão ao corpo masculino que é associado ao uso da força (física). Se pergunte, porque ainda em pleno o século XXI o STF precisou reafirmar a impossibilidade do uso da defesa da honra em casos envolvendo feminicídio. Aliás, é um passo importante na legislação a criação dessa qualificadora na legislação, pois reforça o debate sobre a importância da violência em razão de fundamentos sobre o corpo do outro.





Mas isso não impediu a defesa dos advogados espanhóis do jogador Daniel Alves em que se utilizaram do corpo da vítima para afirmar que o sexo seria consentido, uma vez que foi alegado que no momento ela estava com lubrificação vaginal portanto estaria excitada e assim se contradizendo em depoimento.

A criminalização do aborto não deixa de estar conectada ao nosso debate, pois controla o corpo feminino a partir de uma suposta sacralidade da vida, como se isso fosse um valor ou interesse absoluto. Para além do debate sobre quando se iniciaria a vida, podemos ver na legislação diferentes situações em que esse valor ou interesse pode ser mitigado ou colocado em situação relacional, como na legítima defesa, exercício regular de direito, estado de necessidade, aborto humanitário, aborto necessário, aborto envolvendo fetos anencefálicos. Devemos pensar no quanto ainda mantemos em nosso cotidiano essa violência no corpo do outro, formando muitas vezes o domínio do discurso dominante e violência institucionalizada.





Ato de escuta
e prática
investigativa



Em cena inicio do século XX, mulheres consideradas estranhas ou de alguma forma estrangeiras há uma dada lista de requisitos (pré-requisitos), elaborados por homens e em sua maioria médicos, eram diagnosticadas por histéricas, exclusividade dadas as pessoas com útero, órgão considerado a época por muitos como “misterioso”. E assim, com frequência os tratamentos prescritos eram variações de casamentos compulsórios e eletrochoque, ou seja, uma clara política de silenciamento através da violência, e se “não resolvesse” estariam elas chanceladas como mulheres loucas e incuráveis. Alguns podem achar se tratar de exagero ou reduzir a prática como “era o que se fazia a época” mas não é, pura realidade plena e aqui um agradecimento especial para todas que vieram antes de nós e que pavimentaram a estrada que hoje temos como realidade, apesar de tantas arestas a serem “aprimoradas”.

A neurose, é um termo para definir doenças que acarretavam distúrbios de personalidade, tendo como métodos de tratamento a eletroterapia, seguida pela hipnose e posteriormente pela livre associação (escuta flutuante e fala livre, sem julgamento). Quando o diagnóstico de mulheres loucas, evolui para histéricas, e a prática da hipnose não mais lhe parece um protocolo efetivo, Sigmund Freud (1856–1939) começa a estabelecer a possibilidade de um olhar singular aos seus manejos de investigação rumo a um tratamento e estabelecendo marcos como “todas as neuroses representam uma defesa contra ideias insuportáveis”.





Talvez a primeira prática de escuta qualificada que se tenha registro, ou seja, com o objetivo de escutar o sujeito, como ser ativo. Com esta estrutura nasce a associação livre, como tratamento psicanalítico, tendo como base a trajetória de autoanálise do autor (1895 a 1899) também conhecida como “esplêndido isolamento”, buscou compreender seus medos, anseios e dores. Partindo da associação livre, da recuperação dos sonhos e das memórias da infância. Com o objetivo de entrar em contato com seus conteúdos psíquicos, o que produz uma série de dados empíricos relatados ao longo de sua obra.

Tendo como ponto de partida esta construção importante e histórica para tantos campos da ciência humana, entender que cada ser é individual e sua estrutura psíquica aqui também o é, pode revelar um olhar ampliado não só no campo da saúde e da doença, mas a base do que hoje entendemos como saúde mental. Na construção de entendimento de que não há um protocolo fechado e permanente, aplicável em nível compulsório e coletivo, mas sim uma escuta qualificada do psicanalista baseada no tripé (teoria, análise e supervisão). A formação com bases científica, estabelecida através de um grupo e validada por estudos de caso, de pacientes e do próprio Freud, uma prática desde o início da psicanálise, inclusive com a fundação da Associação Internacional de Psicanálise (1910).

Talvez a investigação iniciada por Freud tenha sua gênese (origem) no desvendar de respostas e justificativas para uma gama de sintomas,





mapear uma série de perguntas em uma jornada inédita até a complexidade do aparelho psíquicos. Contou com a contribuição de Josef Breuer (1842-1925) na interpretação sobre as origens reprimidas de transtornos psíquicos. Com Jean-Martin Charcot (1825-1893), estabelecem balizadores como, a presença de distúrbio nervoso nos casos de histeria comprovando que não seria uma doença da “imaginação” ou uma irritação do útero (do grego “hystera”), que os sintomas não tinham relação com a anatomia do sistema nervoso e traz a possibilidade de se tratar a histeria através da hipnotize.

Com esta base teórica e se utilizando de suas anotações com paciente e sua autoanálise Freud apresenta a Primeira Tópica (Topográfico: 1900 a 1914) onde dividia a psique humana em Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente, organizando as instâncias do aparelho psíquico em lugares (topos) da mente. Atualizando esta teoria com a estrutura na Segunda Tópica (Estrutural: 1914 a 1939) onde revisa seus conteúdos, atribuindo relevância ao ego, e reestruturando seu modelo de aparelho psíquico.

A utilização da associação livre, ganha potência na atenção flutuante do psicanalista que utiliza os sonhos como ferramenta de e para investigar os caminhos para acessar o inconsciente, a partir de medos, traumas, angústias, frustrações e desejos do indivíduo que, por algum motivo, não conseguem acessar a via consciente. Dentre as possibilidades e “motivos” há os conteúdos latentes (esfera do inconsciente) que se estabelecem por meio de conteúdos manifestos (a “história” sonhada). E nesta composição





a energia pulsional (catexia), de duas formas a de autoconservação (manter-se vivo) e as pulsões sexuais (libido).

Trazendo para a vida doméstica, o instinto, por exemplo é diferente de pulsão, o primeiro tem relação com hereditariedade, apresenta um cunho biológico, já a pulsão o investimento é de energia em um determinado objeto (ideia ou afeto). O sonho ou ato falho não são atos mentais (consciente), mas um processo somático, ou seja, todo sonho tem um significado, embora oculto. Ou seja, se destinam a ocupar o lugar de algum outro processo de pensamento, e para se ter acesso a esse sentido oculto é preciso conhecer o significado singular estabelecido para cada pessoa, pois aqui navegam suas experiências anteriores e as associações que se formaram no seu inconsciente e consciente.

Nesta toada de estruturar e nomear uma nova forma de cuidado, a psicanálise não oferece a cura plena, mas com o tratamento há a possibilidade de desenvolver ferramentas para o futuro ser vivido com mais qualidade e saúde psíquica. E o impacto da psicanálise, por exemplo, coloca luz a temas como a violências físicas e sexuais, na infância, que geram marcas profundas e avassaladoras, onde o transbordamento acontece através dos sintomas. Desta forma, podemos afirmar a abertura de um novo espaço para a construção do ser individual, que ganha validade fora de normas conservadoras, entre avanços e retrocessos se ganha espessura na atuação da prática do cuidado e nas políticas de supervisão e acompanhamento legal de uma sociedade democrática.





No âmbito das minorias, nós mulheres temos respaldo jurídicos legais, direitos amparados e acessos múltiplos, claro que há muito o que se ampliar e onde permear, inclusive para agregar diversidade, pessoas de raças, gêneros (LGBTQIAP+), classes sociais, territórios para além das grandes cidades e tantos outros.





Violência e
Preconceito



No mês de agosto/2024 vimos o triste caso envolvendo o supermercado Hoffmann, na zona sul da capital gaúcha, em que um homem negro foi vítima de violência física por ser acusado pelos seguranças de ter furtado produtos. Mesmo em meio aos festejados dados de que estamos com maiores índices de participação de mulheres na política, a Deputada Federal gaúcha Daiana Santos em menos de dois anos de mandato já recebeu diversas ameaças em razão de ser uma mulher negra. São exemplos da naturalização da violência em nosso cotidiano que em razão da aparência do seu corpo é colocado como alguém que pode ser violentado e inferiorizado.

A justificativa histórica de nosso passado escravocrata nos remete a algumas explicações, mas não por si só. O contexto pós lei da abolição do final do século XIX e início do século XX nos mostra outros motivos, como os estudos e teorias científicas de que o negro era considerado propenso ao cometimento de atos criminosos uma vez oriundo de cultura primitiva. O Brasil era considerado subdesenvolvido em razão da miscigenação com o negro. Esse projeto de branqueamento não é exclusivo do nosso território nacional, mas uma realidade que naturalizou a inferioridade de pessoas em razão de sua aparência e, portanto, influenciadora da formação de políticas públicas e na própria educação.

Políticas de implementação de cotas em seleções e concursos públicos e as constantes reformas em nossos currículos acadêmicos para inclusão de discussões étnico-raciais, procurando modificar uma realidade social em





que estamos acostumados e naturalizar que o perfil de uma pessoa bem sucedida e ocupante de poder está mais associado a imagem de um homem branco do que uma mulher ou uma pessoa negra.

Mudar este cenário é uma tarefa complexa, pois é mais de século que convivemos com essa desigualdade que promove e naturaliza a violência, e não é só uma questão que o privilegiado é quem tem mais dinheiro.

Neste mesmo período vimos a manifestação do casal Giovana Ewbank e Bruno Gagliasso sobre a condenação criminal em primeira instância por injúria racial e racismo de uma pessoa que ofendeu a filha deles. Em ambos os lados do processo tínhamos pessoas com recursos financeiros e talvez por isso o caso tenha tido repercussão e chegou a uma sentença. Giovana e Bruno, inclusive, comentaram que somente quase cinco anos depois do fato conseguiram iniciar o processo judicial e com as provas a identificação da pessoa. Não obstante a tudo isso, poderíamos incluir neste cenário a polêmica envolvendo as boxeadoras Imane Khelif e Lin Yu-ting, boxeadoras finalistas nas Olimpíadas de Paris 2024 e que foram alvos de ódio e protesto, em razão das mesmas terem supostamente sido reprovadas em teste de gênero promovido pela Associação Internacional de Boxe. O presidente Comitê Olímpico Internacional manifestou em favor de ambas e garantiu o direito (por justiça como ele mesmo comenta) de participarem das olimpíadas e criticou que testes cromossômicos não podem mais definir gênero. Penso que é uma mani-





festação acertada e pertinente aos dias atuais. Definir o que somos a partir exclusivamente de processos biológicos de nosso corpo sempre foi o primeiro caminho para definir o que é normal e o que é considerado fora desse espectro, fica sujeito ao processo de controle de quem tem mais ou menos direito.

Cesar Passarinho na canção “Negro de 35” comenta:

“A negritude trazia a marca da escravidão
Quem tinha a pele polianga vivia na escuridão
Desgarrado e acorrentado, sem ter direto a razão”.

Ter razão para o século XIX era praticamente exclusivo do homem branco, naturalizado superior. E ainda comenta:

“Veio a lei Afonso Arinos cultivando outras verdades
Trouxe a semente do amor para uma safra de igualdade
Porque o amor não tem cor, sem cor é a fraternidade”.

Esse trecho comenta sobre a Lei 1.390, de 3 julho de 1951, primeiro marco legal que criminalizava a prática de preconceito de cor ou raça no Brasil. Precisamos mais dessa fraternidade em que todos sem distinção possam conviver sem serem diminuídos em razão de sua aparência ou corpo. Somos todos conectados como humanidade e como já afirmava o poeta inglês Jhon Donne “a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte da humanidade. Portanto, nunca pergunte por quem os sinos dobraram, eles dobraram por ti.”





Inconsciente e
Sexualidade



A construção teórica, embasada nas práticas vivenciadas por Sigmund Freud (1856-1939) tanto na sua experiência individual (isolamento de 1895 até 1899) como na análise promovida em consultório, foram umas das suas grandes contribuições para a psicanálise. A base da formação da personalidade e as camadas de subjetividade que o conceito de inconsciente constitui, assim como a elucidação de fatos psíquicos e sociais que a sexualidade introduz, são conceitos que trazem para a prática clínica um arcabouço de ferramentas que podem atuar na origem do(s) sintoma(s).

A libido para Freud é uma força propulsora que permeia o psiquismo humano, impulsionando os instintos de vida (autoconservação e criatividade) e sexuais. Na dinâmica da vida psíquica as pulsões foram divididas entre pulsão de autoconservação (ego/instinto) e pulsão sexual (dar continuidade a algo para além do que é necessário). A libido se organiza em fases do desenvolvimento que não são fixas/rígidas, mas por congregarem experiências subjetivas e individuais (cada pessoa tem a sua), o percurso pode deixar marcas profundas no psiquismo. Ou seja, em virtude das experiências infantis (frustrações angustiantes ou/e hiperestimulação, por exemplo) o prazer libidinal pode ficar vinculado a uma zona erógena específica. Podendo assim, ser estabelecido os pontos de fixação, onde as experiências subjetivas produzem conflitos e ai há a possibilidade dos transtornos acontecerem, impedindo o curso “normal” do desenvolvimento sexual. O que significa que aquela experiência positiva





negativa vivida na infância/pré-adolescência poderá ter reflexos na idade adulta, pois é neste momento que o complexo de Édipo e recalcamento da libido acontecem.

Através de um processo de investigação vamos estabelecer uma relação de confiança (entre o par analítico) e construir um cenário de possibilidades para assim ter acesso as memórias e referências que estão no inconsciente. Os elementos que contribuem para esta investigação, são aspectos da sexualidade, que tem seu início junto com o nascimento de cada pessoa. Sendo importante estabelecer que para a psicanálise são sempre múltiplos fatores e um olhar analítico desprovido de julgamentos de valores morais, sociais e/ou culturais, pois o objetivo é a construção de significados e espelhamentos de correlações vivenciadas dentro do consciente e do inconsciente (impactos para cada pessoa). Baseada no tripé teoria, análise e supervisão, e sem qualquer prática de diagnósticos de forma apressada, superficial e taxativa, o que é vista como psicanálise selvagem.

Nesta toada há diferentes formas de organização psíquicas, onde os mecanismos de defesa do ego têm ampla variação com relação aos conflitos entre as exigências do ID, a censura do SUPEREGO e as dificuldades do EGO em controlar situações que lhe desestabilize. Estas formas de organizações psíquicas são divididas em neurose atuais (neurastenia e neurose de angústia), psiconeuroses/neuroses de transferência (fobia, histeria e obsessão) e perversões (fetichismo, sadismo,





masoquismo). A subjetividades/estruturas psíquicas, vão conduzir o indivíduo em suas relações intrapsíquicas (seus conteúdos internos) e interpsíquicas (relação com o outro). Neurose é um comportamento comum em muitas pessoas, sendo que a condição patológica dependerá do seu grau e do mal-estar que seus sintomas provocam. Na psicose, o ID cria uma nova realidade, para que o sujeito possa suportar seu sofrimento, como este processo não passou pelo nível consciente, o psicótico toma o delírio como absolutamente real. Ou seja, é uma organização muito primitiva relacionada a eventos/elaborações da primeira infância.

A infância, tem protagonismo é solo fértil na formação da vida adulta sem questões profundas a serem resolvida e superada, por que ainda é tão recorrente o desconforto com relação ao tema?

Desconhecimento, barreiras conscientes de temas íntimos/profundos que para muitas gerações permanecem as sombras por vergonha, receio de exposição, se sentir de alguma forma vulnerável? Talvez algumas questões sejam memórias do inconsciente coletivo e/ou também verdades individuais, o que é dado comum é que a resistência recorrente acontece quando há algo a ser protegido pelo nosso sistema de defesa.

Obviamente que o desejo de adentrar neste território é uma escolha individual, mas de forma coletiva se tratar do tema é um serviço de saúde e segurança pública. Informação disponibilizada com base científica em estudos de casos possibilitam uma ampla gama de benefícios, que permeia o acompanhamento e desenvolvimento infantil nos mais largos aspectos





(pedofilia e demais abusos infantil/menores, assim como a possibilidade de remissão de transtornos que muitas vezes paralisam práticas na vida adulta. Para além da desinformação que se esconde atrás da não informação para retratar comportamentos arcaicos e abusivos, pois quem ganha com isso? Precisamos educar, colocar o assunto no prisma da saúde mental.

Ao traçar um paralelo entre sexualidade e inconsciente Sigmund Freud estabelece para o tratamento terapêutico analítico, uma abordagem natural que busca investigar todas as causas produtoras de transtornos, tendo um resultado mais favorável ao descobrir se a causa é de fator biológico, social, psicológico ou medicamentoso. Tendo como entendimento que a busca do tratamento de transtornos da sexualidade eleva a qualidade de vida dos indivíduos e assim impactam no coletivo, onde cada um está inserido.





Pena e
Individualidade



Pena, penitência, castigo, arranjo, reparação, punição, ensino corretivo, sanção são palavras associadas quando falamos em cumprimento de uma condenação criminal. Não obstante podemos inferir que pecado e crime são praticamente sinônimos em nossa cultura. Antes da destacada era da Idade Média e seus inquisidores, tínhamos o ordálio ou ordália em que aguardávamos o juízo de Deus para saber se alguém era ou não culpado, a partir da utilização de elementos da natureza. O papel dos inquisidores, mais adiante, era de modernizar os processos com procedimentos que tivessem o objetivo de extrair a verdade a partir da expiação da dor, pois se a pessoa não cometeu crime, não teria um por que confessar algo, mesmo que lhe aplicasse o interrogatório sob tortura.

Assim sendo, a própria “evolução” do cumprimento das penas criminais em estabelecimentos próprios por determinado período não vai deixar de reproduzir diferentes formas de violência. Associamos ainda que violência se corrige com violência, “uma vez que não há razão para tratar bem uma pessoa que comete um delito, ela precisa pagar/responde pelo mau praticado”. Isso também nos remete ao desejo da pena servir também de papel educativo ou ressocializador. E duas são as formas mais utilizadas: o estudo e o trabalho. São valores importantes para nossa sociedade, pois o trabalho possibilita propósito e liberdade a partir de sua remuneração, enquanto o estudo pode significar a ocupação de atividades e o incremento na qualificação do indivíduo. Quem nunca ouviu a frase “o trabalho enobrece” ou “Deus ajuda quem cedo madruga”? São frases típicas de nos-





sa modernidade e fundantes para protestantes e calvinistas. Mas também podem ser formas de padronização e, portanto, de controle social. Não é à toa que ao mesmo tempo que temos a idealização estrutural das penas celulares de isolamento e reclusão, temos a estrutura moderna de outros estabelecimentos de formação e cuidado como escolas e hospitais. Então, o normal e a padronização de como esperamos que cada um aja em sociedade é definido. Aldous Huxley escreve o clássico “Admirável Mundo Novo” no início do século XX descrevendo uma sociedade futurista marcada justamente por esta padronização, em que pessoas nascem e são criadas levando em conta as funções específicas que irão ocupar. O ser humano seria uma engrenagem ou parte da sociedade, tem como dever executar tarefas sem ter o direto de questioná-las. Mas para além desse cenário, o que chama a atenção na obra são as observações de John, o selvagem que nasceu e viveu fora dessa sociedade. A sua selvageria estaria ligada ao conceito que os demais o impõem, por não estar normalizado. O selvagem comenta sobre a importância de viver sentimentos e nem tanto viver sob a égide da razão, citando em muitas passagens literaturas, em especial Shakespeare.

Isso demonstra a importância de desenvolvermos pensamento crítico para sempre questionarmos comportamentos e constituirmos nossos valores socialmente relevantes. Não é só poder ter opiniões diferentes, mas que esta opinião tenha relevância e potência de escuta. Não podemos mais associar sociabilidade com utilidade, pois isso acaba nos remetendo a um





critério quantitativo como número de produção e remuneração. Mas novamente quero chamar a atenção para quando falamos em cumprimento de pena. Recentemente, em pleno 2024, vimos a notícia de que estabelecimentos prisionais em Minas Gerais estavam proibindo a entrada de livros de literatura, mesmo que a leitura seja um plano estratégico do Conselho de Nacional de Justiça dentro dos presídios e que pode ser utilizado para fins de remissão da pena. Não diferente, não faz muito o próprio STF em decisão de plenário não permitiu a remissão da pena pela prática de capoeira, por entender ser esta uma prática recreativa ou de luta simplesmente e não se encaixando em formação profissional e estudo nos moldes da lei. O que demonstra o certo distanciamento que determinados grupos de nossa sociedade, ainda tão desigual, está de um discurso mais inclusivo e crítico sobre a nossa formação cultural e histórica, algo tão necessário quando falamos em promoção de políticas públicas.





O tripé,
como selo de
qualidade



Na construção da minha trajetória pessoal em muitos momentos fui capturada por dores/sintomas do leque de questões mentais, como atravessar o mar de emoções de uma infância sem lembranças felizes e uma adolescência solitária?

Eram questionamentos corriqueiros.

Não queria uma existência que agora na vida adulta se resumisse a escolhas que não foram minhas, mas as quais as cicatrizes me marcavam tão profundamente. Naveguei por águas diversas, transparentes e quentes, outras profundas e congelantes, sem destino ou fluxo contínuos. Nesta toada percorri o mundo acadêmico (graduação, especializações e mestrado), vivenciei o mundo do trabalho e as relações afetivas positivas, construí a minha família e tratei e ressignifiquei relações familiares, e após alguns ensaios iniciei a formação em psicanálise.

Talvez uma das grandes dificuldades da escrita desta redação, a escrita em primeira pessoa, esteja no fato de transcrever minhas vivências, e não por tornar público, mas pelo ato que este simples fato requer a utilização de acessos de ferramentas emocionais que estou frequentemente aprimorando e revisitando de forma desordenada e vivaz. Escrever sobre é processo de cura de quem quer ser ferramenta para auxiliar quem assim desejar.

Na complexidade da mente humana, onde nada é homogêneo e reage da mesma forma em larga escala, estabelecer um ponto de partida pode ser um balizador, pois todos temos muitas camadas e justificativas prontas





para embasar os juízos de valores que nos são questionados ao longo da existência. Por isso o ponto de partida, para além do sentido de lugar, é o que de fato o analisando escolhe colocar luz, ou seja, a sua energia e assim o setting analítico se constitui.

O estabelecimento de práticas vinculadas ao tripé (teoria psicanalítica, análise pessoal e supervisão) tem como objetivo frequentemente verificar a integralidade dos balizadores dentro de setting analítico. Tal ferramenta de monitoramento permeia a prática para assegurar um tratamento que o analista esteja em constante aprimoramento de suas questões psíquicas, assim como de técnicas para auxiliar seus analisandos. Sendo assim, é informado que esta tríade deve ser corrente para o profissional se identificar como psicanalista, ao longo do curso de formação, algo que pode ser visto como conservador, mas para todos aqueles que de alguma forma já sofreram os mais diferentes danos por diagnósticos equivocados, pode ser visto como selo de qualidade.

No processo de entrevista preliminar, para avaliação do caso, aceitar ou não o analisando, há um mar de arranjos positivos e negativos, o que é de grande relevância, o analista irá identificar se terá condições de realizar o atendimento, com incidência de resistência, transferência e/ou contratransferência (quando o analista perde a neutralidade e atua como conselheiro).

Na clínica psicanalítica existe a transferência positiva (amor transferencial) e negativa (hostilidade), assim o analisando “dá permissão”





para o analista mergulhar na sua rede de significado (indagar e propor interpretações). Análise causal, identificar as relações entre causa (o que está recalcado - os sintomas ou os incômodos), assim como, o desvendar do inconsciente, através da interpretação dos sonhos, chistes, ato falho e sintomas. É através da associação livre, vista como um alívio psicofísico (mobilização mecânica que descarrega parte da tensão psíquica), que o analisando fala o que lhe vier à cabeça (sem autocensura ou censuras do analista), distraindo seus mecanismos de defesa, e permitindo emergir aspectos do seu inconsciente.

Através das entrevistas preliminares estabelecerá a motivação diagnóstico, possibilitando a identificação, suspeita da estrutura psíquica a ser investigada, para assim, traçar a direção do tratamento (neurose histérica, obsessiva, ou início de uma psicose), ou seja, traçar uma hipótese terapêutica (através da busca do sintoma analítico/o que é falado pelo sujeito). Este sintoma estabelece o vínculo entre analista e analisando, estabelecendo uma demanda de análise (enigma) a ser interpretado pelo sujeito analisando, com auxílio do analista.

No setting analítico o analisando utiliza da fala através da associação livre e o analista, da atenção flutuante, e assim o analisando irá internalizar seu processo de autoconhecimento (perlaboração). No manejo psicanalítico pode vir a ter como consequência, o fortalecimento do ego e a compreensão dos seus desejos, mas para este resultado há um caminho de derrubar resistências, trazer para pré-consciente o aprendizado, e através da





tomada de consciência pelo próprio analisando tal sintoma poderá ser ressignificação. O acesso ao inconsciente é único e primitivo, a primeira separação, entre o inconsciente e o sistema pré-consciente e consciente, acontece através das pulsões originais, junto com o nascimento e os primeiros anos de vida, no recalque infantil.

Na descrição de J. D. Nasio, do sujeito se amar como ele é, sendo mais tolerante consigo e com seu entorno, reduzindo a angústia do que lhe falta e do que não entende, e valorizando sua trajetória acerca de sua própria ordem desejante, traz uma perspectiva da jornada.

No debruçar da teoria psicanalítica localizada não na cura mas na ideia de melhora, através do fortalecimento do ego (identidade, na organização dos seus desejos e das demandas da realidade externa), assim como recuperação da capacidade de amar e realizar. Neste processo de investigação de conflito consciente e inconsciente, onde o recalque pode incidir na formação de sintomas, há o papel central da sexualidade, a libido como desenvolvimento do instinto de vida, além de todo o acervo que foi sendo catapultado direto para o inconsciente.





Integridade
Democracia
Saúde
Psicanálise
Ética
Sociedade
Sujeito
Completude
Bioética

O direito de
Estar Só



O direito de estar só é um direito derivado do direito à privacidade. Dentro desse direito, ainda temos o direito à intimidade. São direitos individuais cujo desenvolvimento ocorreu a partir do século XIX e de certa forma com o desenvolvimento das sociedades urbanas. Não é à toa que vamos encontrar diferentes estudos indicando que o direito moderno como conhecemos hoje no mundo ocidental nasce com a formação do conceito de indivíduo, um conceito que nos uniformiza. É um cenário em que passamos a ter a necessidade de prever regras não só de ordem social, mas com respeito aos interesses individuais.

E o que isso tem relação com a violência e as políticas criminais?

Bom, não quero reduzir a discussão para o que é público ou o papel do poder público em contraposição ao que seria privado ou de políticas de iniciativa privada. Isso nos remeteria a uma visão dicotômica de que público sempre seria oposto do privado e é justamente isso que quero questionar, pois isso traz reflexos de como vamos pensar as polícias públicas em geral, inclusive de segurança pública.

Não é só do pensamento moderno ocidental que se debruçou sobre a questão da vida em democracia e em sociedade. Na Grécia antiga, por exemplo, Platão e Aristóteles defendiam que somente teremos uma vida plena em sociedade, como cidadão. A formação de um pensamento diverso disso de cunho individual, tem espaço com os estoicos, os epicuristas ou célicos no chamado período helenístico.

A diferença entre este período helenístico com o de Platão e Aristó-





teles é que para estes o ser humano se realiza em sociedade, enquanto que para este último período, observamos a passagem para vida privada, e portanto predomínio do indivíduo.

É nesse período, que se fundamenta a ideia de uma lei natural, emanada por Deus, em que todos devemos deferência e não exclusivamente a lei do imperador. Isso, no período do pensamento moderno, vai dar lugar as doutrinas do contrato social. Isso significa dizer que a própria formação do cristianismo é uma racionalização de uma verdade religiosa e que irá fundamentar a nossa história humana moderna ocidental, onde a teologia como ciência sobre Deus demonstrará que este não está contra a razão, mas combinado com ela.

Nesse sentido, quero chamar a atenção que quanto maior for a desigualdade de nossa sociedade, maior será a tradição desse direito de estar só na manutenção de privilégios e assim associar políticas públicas como assistenciais ou de caridade. Isso direciona nosso horizonte de como vamos entender o que seria dever do Estado por exemplo, e o que se quer dizer sobre a formação de um Estado mínimo ou liberal.

Entender que o processo de violência e análise de indicadores de prevalência de atos criminais em determinadas localidades e situações não é somente resolvido com a aplicação da lei penal e repressão policial. Cada vez mais observamos que as políticas de segurança pública se utilizam de mecanismos de vigilância, como os chamados cercamentos eletrônicos, pois apostam que as pessoas deixam de cometer delitos se estiverem sendo





vigiadas. Isso tem relação com a própria formação dos presídios modernos cuja política, resumindo de forma grosseira, substitui a política (também) de medo das execuções criminais em praça pública. A violência é um processo complexo e que precisa de inúmeras políticas e de mudança de cultura, em que o saber onde ocorrem não significa que devo residir o mais longe possível ou de erguer muros, mas de se apropriar e cobrar políticas que de fato diminuam as desigualdades sociais e que os recursos públicos ou privados sejam de fato distribuídos.

O que precisamos entender, ainda mais por tudo que estamos vivendo nos últimos anos, é que o viver em comunidade também deve ser um movimento individual de cada um de nós, pois precisamos nos apropriar do que é público e que não há o eu em contraposição ao público.







A psicanálise estabelece algumas linhas evolutivas de perfis, mas ao contrário de muitas doutrinas religiosas e culturais não é terminativa, estabelece através de um processo investigativo na associação livre, uma apuração de dados (escuta qualificada) fornecidos pelo analisando, e assim, poderão ser estabelecidos algumas possibilidades de vínculos e sintomas. Na abordagem da sexualidade Freud estabeleceu importantes pontos de partida e a evolução da humanidade vem atualizando e contribuindo para ampliar o escopo e práticas diligência na clínica, para além de escritas importantes como separação entre identidade de gênero e orientação sexual, a descriminalização (legal e social/cultural) da homossexualidade, além de todas as camadas de opressão que muitos de nós sofremos e/ou testemunharemos ao longo da vida.

No início do século XX Sigmund Freud (1856-1939) testemunhou e foi amplamente descredibilizado ao trazer ao debate não somente a sexualidade, mas de fundamentar sua teoria sobre psicanálise nas pulsões (sexual e morte), onde estabelece que somos movidos por ambas desde o nascimento. O rechaço e aversões vieram inclusive do campo progressista, e aqui para muito além de um retrato de uma época, pois mesmo hoje, há presença tanto da banalização do tema, como sua negação. É importante destacar que estabelecer conversas sobre o tema oportuniza informação, traz letramento e poder de escolha, fatores preponderantes na educação e execução de liberdades, não se trata de banalizar o sexo ou reprimir o tema, mas de assegurarmos que como sociedade somos seres desejantes e que





precisamos sim estabelecer diálogos entre os diferentes.

O desconforto ao se tratar de sexualidade pode ter diferente origens, navegar pelas vergonhas de se publicizar o íntimo (privado), a vulnerabilidade que se estabelece pelas nossas necessidades de pertencimento e de sermos em algum grau/forma desprezados/julgados. Porque muitos de nós, pode ser “impresso” quando revelamos o que nos gera/representa prazer, e aí o mar a ser navegado, a procura de respostas na maioria das vezes é o inconsciente que pode conter questões coletivas e também experiências subjetivas. E mesmo no hoje, no ano de 2024, transcorrido um pouco mais de um século, onde somos mais livres, obviamente sempre há caminhos a serem aprimorados e acessos a serem construídos para que esta liberdade se amplie e alcance quem está a/na margem, há resistências a tratar deste tema de forma ampla e não banal. O que é importante frisar é que a humanidade evolui para caminhos e atos que podem não ser de consenso comum, mas que há espaço para discussões e que o não concordar não abre espaço para desrespeito, cerceamento de direitos e condutas violentas.

No exemplificar do nosso hoje, há um carrossel de diversidade, e aqui muito mais que o acrescentar de letras (e a imensidão de significados que elas agregam ao movimento) a sigla LGBTQIA+, estabelece a importância de se falar sobre, trazer para o debate a profundez da subjetividade humana, esclarecer que há diferenças entre identidade de gênero e orientação sexual, é um exemplo. Assim como, os debates sobre o





engravidar, ou não, não é uma questão das mulheres e sim de uma sociedade multipla onde homens trans podem engravidar inclusive. Ou seja, a escrita, o estabelecimento de diálogos, questionamentos, são ferramentas permanentes para transformar e combater preconceitos, arraigados muitas vezes construídos como forma de oprimir social, cultural e historicamente.

Na pauta da livre associação é preciso atravessar a resistência que a psicanálise chama de qualquer forma de impedimento para o analista acessar o inconsciente do analisando através de falas libertárias ou reprimidas, muitos podem expressar no setting analítico. Fato é que, assim como inúmeras outras situações, a ignorância ou o não falar regulamenta apenas a conservação de interesses da manutenção desta camada de opressão, que em muitos casos passam de geração para geração.

Para Freud a origem de praticamente todo o comportamento humano está ligada a sexualidade, atuando desde o princípio da vida. Mas muitos estudos sobre a psicanálise “avistam” sexualidade como um tema mais amplo, para além da atração ou órgão sexual, mas vinculada as múltiplas formas de relacionamentos, troca de afeto e prazer.

Acreditando nos processos evolutivos, ora em descompasso ora em aceleração, com justificativas variadas que vão depender do interlocutor, ordem divina, intervenção da natureza, merecimento da humanidade, ou a simples ação e reação em cadeia, a complexidade de se criar padrões não é uma prática que julgo assertiva, pode ser um caminho pode, mas não deve





ser o único. As mulheres não cabem no padrão exclusivo e reducionistas de mãe que cuida da casa/filhos/marido, assim como o homem não é apenas o pai que sustenta todo mundo e é alguém que pouco se espera. “Mulher frágil”, performance que dada a época podem ter sido considerada necessária para mapear a base da psicanálise freudiana, mas que deve ser base de acervo, não como verdade absoluta, onde o que não se encaixa está fora de esquadro ou padrão. Assim como a homossexualidade, reside no direito de escolha do outro, e que é uma escolha única e exclusiva dos envolvidos, aos demais cabe, respeito.

E nesta toada, mas com um grau de dificuldade ampliado, está a criação de filhos. Para além de todo o acervo e interesses pessoais, muitos de nós temos a “vantagem” e a certeza do que é viver em lares e presenciar pais disfuncionais, e assim, driblando e curando, almejar quebrar ciclo e fazer diferente, seja mais uma vitória na evolução do complexo de édipo bem resolvido.







Até o início do século XIX as execuções criminais ocorriam em praça pública. Se dava destaque a leitura da condenação e sob a forma de como seria a pessoa executada. O trabalho do carrasco tinha como responsabilidade cumprir toda execução até o final. Temos registros de como as praças eram tomadas pela população e o espetáculo era para servir também de exemplo e política de prevenção ao crime.

Eu sei, hoje não executamos mais as pessoas em praça pública e inclusive no Brasil a legislação repudia a pena de morte. A separação entre Estado e religião, bem como o desenvolvimento dos direitos individuais tem íntima relação com esse processo de abolição de muitas das penas capitais. Com isso, patíbulo do carrasco, com o tempo, foi sendo deslocado para fora do centro da cidade, como forma de ir escondendo essas execuções.

No lugar, criamos as penas privativas de liberdade e os estabelecimentos prisionais. E qual a razão de falar tudo isso? Neste primeiro trimestre/2024, tivemos muitas movimentações do ponto vista criminal: o duplo assassinato na Ilha das Flores, o recorde no índice dos homicídios em Caxias do Sul, o acidente grave com morte na BR 158 em Santana do Livramento, a evolução das investigações envolvendo o uso ilegal da ABIN, do caso Marielle Franco e a execução criminal por inalação de nitrogênio de pessoa condenada em estabelecimento prisional nos EUA.

Nesse cenário, vamos ver reacender a discussão sobre o desejo desses casos não passarem em branco e que os autores dos referidos delitos





não passarem em branco e que os autores dos referidos delitos sejam condenados. Mas o que é importante comentar, é que o processo penal não alcança restituir os danos causados.

Além disso, poderia afirmar, levando em conta o nosso histórico, o direito penal não deveria servir de política de exemplo para reprimir delitos. Digo isso, pois as penas em praça públicas e suas torturas, não diminuíram a incidência de crimes ou a diminuição da violência, mas pelo contrário inclusive.

O crime não decorre da falta de políticas repressoras, da falta de ação judiciária, mas por um processo complexo que envolve a nossa formação social e de como lidamos com os nossos direitos individuais e sociais. O processo penal moderno se desenvolve neste cenário, para garantir que todo acusado ou toda acusada possa ter uma análise da acusação sem um olhar arbitrário. E isso é importante mesmo.

Assim, por isso a importância de políticas incentivadoras de diminuição das desigualdades sociais, como acesso a serviços públicos, ao lazer público e gratuito (ocupação dos espaços comum na cidade) e educação para qualificar não só a mão de obra, mas para construção de pensamento crítico e assim mais protagonistas na análise de proposição de novas políticas.

Temos exemplos de políticas públicas municipais na região metropolitana de Porto Alegre/RS de que para cada quadra poliesportiva ou centro de práticas esportivas em determinado bairro que não tinha esses





espaços, os índices de violências e consequentemente de delitos foi reduzido em quase 20%. Ou seja, sem a necessidade do uso da repressão ou violência institucionalizada do Estado.

Não quero com isso abolir ou diminuir a necessidade dos órgãos de segurança, mas sim, não depositar exclusivamente a estes a responsabilidade sobre a diminuição dos índices de violência. O acesso à educação de qualidade é ferramenta importante. Desmonte da educação é um interesse na manutenção de determinados interesse e exploração do trabalhador, com inclusive retorno a práticas escravocratas.

Dados do Ministério Público do Trabalho demonstram que ainda convivemos com pessoas trabalhando em condições análogas à escravidão. Não invariavelmente são pessoas em estado de vulnerabilidade. Não obstante, temos também a constante mudança na forma de produção e do trabalho.

Na música o Esquilador, cantada por Telmo de Lima Freitas, ele narra a história de um trabalhador rural que tinha seu ganho no corte da lã de ovelha, que em razão do pouco ganho, tenta a sorte no trabalho urbano, mas que acaba retornando ao interior sem mais oportunidades. Afirma em um trecho: “Quem vendeu tesouras na ilusão povoeira, volte pra fronteira para se encontrar”. Mas se encontrar de que jeito? A música comenta sobre os medos do esquilador sobre sua profissão. Hoje não temos mais esse profissional com as suas tesouras, pois o processo em geral já é todo mecanizado. Esse trabalhador em geral, pouco estudo teve acesso. Olhem





esse trecho: “a vida disfarça lembrando a comparsa quando alinhavava o seu próprio chão.” Outra cena do interior retratado de um passado não tão longínquo é do Atahualpa Yupanqui, pseudônimo do compositor argentino Héctor Roberto. Em “El pagador perseguido” ele comenta a vida dura do trabalho na lida de campo, da falta de recursos e exploração da mão de obra que provoca o êxodo rural, para uma cidade que não só amedronta como também reproduz diferentes formas de violência. Recentemente, o Demétrio Xavier, fez um belo trabalho em interpretar essa obra no original em espanhol e sua versão traduzida. Peço licença para inserir um trecho:

“É coisa boa, o trabalho
É na vida o maior bem

Mas perde sua vida, quem só lida alheio torrão;
faz a parte do trovão – e para outro a chuva vem.”

Comenta ainda um pouco mais adiante “que assisti a tal pobreza que até pensei, com tristeza: Deus por aqui não passou.”

Assim, antes de pensarmos em mais repressão ou desejos de mais condenações, vamos desejar mais políticas sociais e em especial de acesso à educação de qualidade, mas não só profissionalizante, mas sim formadoras de pensamento crítico e, portanto, desde os anos iniciais de formação.





Integridade
Democracia
Saúde
Psicanálise
Ética
Sociedade
Sujeito
Completude
Bioética

E o mal do
século, ainda
é o mesmo?



Estaríamos ainda vivenciando o mesmo mal do século passado, que tinha como protagonista a depressão?

Diferentes campos profissionais relatam que mesmo com progressos e múltiplas contribuições no campo da saúde mental, afirmam que sim, a depressão (e suas graduações como sentimentos de solidão, melancolia e transtornos) ainda é considerada o mal do século. Evoluímos e aprimoramos muito em tratamentos, cuidados, socioculturalmente nos estigmas, no dedicar tempo e dinheiro em ações/práticas vinculadas a qualidade de saúde mental, mas por que a depressão ainda é uma realidade tão presente em nossa sociedade?

Há muitas teorias progressistas que vinculam o capital e sua indústria de adoecimento como combustível e dependência, para a manutenção de toda uma rede de interesses e recursos, verdade absoluta? Mesmo que médicos, tenham estabelecido ligações bioquímicas para a ocorrência das neuroses, pesquisas recentes demonstram que os medicamentos barbitúricos possam inibir atividades do cérebro, talvez não seja uma verdade absoluta, porque ao longo da evolução sabemos que são múltiplos e diversos os casos, e é quase sempre um erro a ampla homogeneização de qualquer resposta. Ou seja, escolho neste texto tratar o tema mal do século, ainda a depressão, com o foco de que o mesmo é um território complexo, que estamos em processo de mapear técnicas, sintomas, mas que fundamentalmente não se trata de uma ciência exata a ser aplicado um método, pois cada ser humano tem milhares de singularidades Sendo assim





ou seja, não tira de você a responsabilidade. Junto com ele o sentimento de não pertencimento de estrangeirismo, de inapropriação, da luta incessante por ter e pertencer a algo ou algum lugar, seja material ou imaterial. Entendemos que são inúmeras as camadas a serem acessadas e talvez a inanição seja uma prática de soterramento dos sintomas e assim um dos porquês para a depressão ter se mantido como o mal deste século.

No início do século XX, no enlace entre Charles Darwin (1809-1882) e Sigmund Freud (1856-1939), temos a criação de uma teoria que explica o funcionamento da mente e como ela adoece. Ambos tinham “o mesmo problema: a impossibilidade de comprovar, por meio de “evidências imediatas e conclusivas”, a veracidade das inferências que extraem dos seus dados.” A consistência dos argumentos, para Darwin a seleção natural e para Freud a existência e eficácia do inconsciente dinâmico. Onde Freud estabelece que ao interpretar, encontramos tanto o sentido quanto a causa, e com isso a psicanálise se aproxima das ciências humanas. Nesta perspectiva a psicanálise, vem construindo a observação investigativa como catexia (sentimentos de amor, ódio, raiva - relacionado a objeto, pessoa ou realidade), anticatexia (desânimo, apatia, indiferença, ausência de sentimentos positivos/negativos), a solidão (transtorno muito associado a depressão) e as depressões, a crônica (desencadeada por consumo químico), não crônica (genética ou causada por experiências traumáticas).

Com o acúmulo de vivências/experiências e o apoio da psicanálise,





muito além de promessas de cura o processo de análise, através no setting analítico a produção de autoconhecimento traçando e produzindo novos entendimentos sobre o porquê do desembocar de gatilhos/sintomas fomentando um melhor viver, ou seja, a não cura fantástica, mas o melhor viver, sabendo do que você gosta, deseja, quer sem influência externa e com toda a sua completude (consciente e inconscientemente).

A subjetividade ou a organização psíquica (neurótica) se assenta num conflito psíquico a partir de sentimentos de inferioridade, com base em sentimentos que surgem na infância, quando as crianças apresentam baixa estatura ou incapacidade de se defender. Para Freud toda neurose representa uma defesa contra ideias insuportáveis, nesta toada acredita que todo ser humano tem algum problema psíquico, reprimem alguma realidade em algum momento da sua infância, que causam tensão e incômodo. O que irá diferenciar da normalidade é a intensidade do comportamento e a incapacidade do indivíduo de resolver conflitos.

Ao longo da história muitas culturas vinculavam a plenitude de um corpo equilibrado cuidando da mente e do corpo, o enlace entre alimentação, atividade física, nutrir boas relações (trabalho, família, amigos), práticas espirituais, e a lista no transcorrer das décadas vai ganhando espessura e se tornando um lugar de poucos, privilegiados e repleto de metas a serem alcançadas. Talvez o objetivo central seja a trajetória, o dia a dia, como vamos lidar com o presente e o que a realidade da nossa vida nos dá como ferramenta, e assim atravessar este universo





que é a mente, na perspectiva de que somos imperfeitos e singulares, que não teremos o milagre de curar e sim de trabalhar para amenizar os sintomas e estabelecer boas relações conosco e para com aqueles que escolhermos.







Recentemente vimos a notícia sobre a atuação de um policial peruano que se disfarçou de ursinho de pelúcia para realizar a prisão em flagrante de mulher acusada de comercializar drogas ilícitas. O Grupo de Inteligência Tática Urbana foi criado no Peru em 2012 e faz parte da Divisão de Operações Policiais Especiais e Jovens em Risco, criado por sua vez em 2003. É conhecido como esquadrão verde ou Grupo Terna, já que, como descreve a palavra de origem francesa, os agentes realizam operações normalmente envolvendo a ação de três policiais. No caso então citado, além do agente disfarçado de ursinho, havia mais dois no apoio, um mais próximo disfarçado de agente de limpeza urbana. O intuito deste grupo especial é realizar operações mimetizadas, ou seja, com oficiais não uniformizados de forma a realizar flagrantes em situações que dificilmente ocorreria. Mas aí podemos nos perguntar: e no Brasil, isso pode? A legislação peruana é tão diferente da nossa para que isso possa ocorrer?

O disfarce é algo bem presente na literatura policial. Sherlock Holmes, considerado o mais famoso personagem do gênero, em diferentes histórias se utilizou de disfarces como estratégias para resolver seus casos. Normalmente de forma observacional, como um agente passivo para fins de obter mais informações, como no conto “Escândalo da Boêmia”.

Seja o agente encoberto ou agente infiltrado, temos em nossa legislação a sua previsão legal. Em regra, esse tipo de ação deve ser fundamentado e autorizado por decisão judicial. As ações do agente infil-





trado devem ocorrer dentro dos limites definido na decisão. Normalmente o agente deve agir mais como um observador, cujas ações delitivas não dependam de sua ação para ocorrerem. Assim, não pode um agente ir disfarçado em uma local de venda de drogas realizar a compra dessas substâncias e dar voz de prisão em flagrante de quem a vendeu, uma vez que sem a ação do policial a pessoa não teria cometido o referido crime, fazendo com que está situação seja mais caracterizada de um flagrante preparado o que é proibido pela legislação e interpretação de nossos tribunais.

Assim, o caso do policial urso, esse seria um flagrante possível em nossa legislação, pois o agente não provoca a ação delitiva, utiliza do disfarce para se aproximar da suspeita. O mesmo podemos dizer de uma ação promovida neste carnaval por grupo de policiais em São Paulo/SP, em que usando fantasias se misturaram aos foliões para realizar a prisão de pessoas que estavam utilizando o momento de festa para realizar furtos dentro dos blocos. A operação resultou na recuperação de bens como celulares e cartões de créditos. Outra forma de operação que nossa legislação permite, é a chamada ação controlada, em que os agentes não realizam de pronto a prisão em flagrante dos suspeitos, mas permitem por mais um tempo a ocorrência da ação delituosa a fim de obter mais informações sobre os autores e normalmente para entender modus operandi e extensão da organização criminosa.

Mas o agente infiltrado tem ações diversas do que as ações promovi-





das pelos policiais peruanos e paulistas. Estes casos são operações pontuais na busca de conter flagrantes de crimes comuns, não necessitam obrigatoriamente de decisão judicial que as autorizem, pois a prisão em flagrante delito pode ser feita por qualquer pessoa do povo conforme a Constituição Federal, o que dependendo da situação nos autoriza entrar na residência ou local sem prévia autorização. Mas esse já é um universo enorme de situações que em outros textos podemos conversar.

O agente encoberto normalmente está ligado a uma investigação criminal que envolva a identificação de organização criminosa ou cuja complexidade das ações só podemos ter melhor analisadas desde alguém que tenha acesso a informações mais específicas. Por isso, no Brasil, sua previsão tem lugar na lei que envolvem os delitos ligados ao tráfico de drogas ilícitas e na lei sobre o crime de organização criminosa modificada recentemente pelo pacote anticrime.

São ações importantes, e que necessitam ter limites claros, pois não pode servir de situação para que como e quando o agente deve agir. Deixar claro em que omissões ou ações sua responsabilidade deverá ser cobrada. No Peru mesmo em 2020 se denunciou como antidemocráticas e contrárias ao exercício de direitos fundamentais as ações do Grupo Terna, que mimestizado dentro de movimentos sociais em manifestações e passeatas realizou a prisão de pessoas, sob o fundamento de que estavam comentando crimes. No entanto, em diversos casos isso não estava claro, como se o direito a manifestação de opinião não estivesse sendo respeitado.





O Desafio do Hoje



Será que sempre foi assim?

Frequentemente escutamos, está tudo muito diferente, antigamente era melhor, ou variações destas afirmações formam toneladas de poucos argumentos e muitas certezas. Confesso que me canso desta frequente inapropriadação, que o hoje é o tempo errado, onde a felicidade e a magia dos alecrins dourados esteve no passado e viverá quiçá no futuro. Mas o que sabemos é que o lugar mais difícil de se estar é no presente, porque é aqui no hoje que há muito a fazer, encarar e construir, enquanto no passado editamos só os momentos convenientes, com o cenário e personagens que desejamos.

Há 4 décadas, escuto muito sobre as maravilhas dos tempos passados, mas também me vejo pensando no que já se foi com um misto de livramento e saudade, e este sentimento vem cheio de sentimentos, emoções e momentos de disfuncionalidade generalizada. Na nossa cultura e sociedade há muito da glorificação simbólica como forma de valorizar e honrar, como forma de materializar o esforço que todos, ou pelo menos alguns fizeram para chegarmos até o nosso ponto presente. Mas esta exaltação do passado não é sólida, pois pouco respeito e práticas de restauro comportam a realidade do novo, na contramão da conservação, desabam casas históricas e constroem prédios de mil andares, cheios de perfeições e desejos, encaminham para centros geriátrico os parentes, e nesta toada vamos esterilizando e tomado o controle.

Assim como muitos, não vim de um lugar habitado por familiares e





amigos que valorizavam ou mesmo hoje tenham mudado de ideia com relação a problemáticas arraigadas na família por gerações, ou escutei de amigos alguma análise semelhante, em sua maioria escolhem negar que tenham algo para melhorar ou tratar. Assim como, uma distribuição de responsabilidade e culpa a terceiros, o que está tudo bem, mas de fato não resolve o seu ou o meu problema. Esse problema também é ou gera sintomas, ou seja, o que foi excessivo para o sujeito, precipita em sintomas, mesmo que as causas não estejam claras. Alguns dos sintomas somáticos dos neuróticos podem ser tensão, fadiga, indigestão, suor excessivo, palpitações cardíacas, dores de cabeça por tensão, sensações de sufocação e um conjunto de dores.

Vivemos em um tempo de muitas pseudoverdades, há um cardápio vasto para cada vivente, mas de quem é a responsabilidade pelo trajeto a culpa pelas falhas?

Ou será que pouco importa o item do menu escolhido?

Sabemos que importa e muito, seja aqui fazendo a correlação com alimentos e os benefícios nutricionais, para a saúde do seu organismo em absorver nutrientes, que vão interferir na qualidade do sono e capacidade cognitiva, e o mesmo ocorre no manejo e diferenciação de barulho ou da harmonia de uma orquestra fazer um bom arranjo. Então mesmo que existam especialistas que saibam tudo sobre absolutamente nada, ou ainda a categoria daqueles que generalizam tudo e sabem nada sobre absolutamente tudo, talvez o problema esteja em compartimentar.





Ora porque dar vida ao Frankenstein seja divertido só em filme da sessão da tarde, ora que na vida real a curto e médio prazo vai dar muito ruim e o quem estará em pedacinhos será você.

Durante a vida vamos recebendo manual para boas práticas e utilização de quase tudo, muitas vezes começa na família, seguindo pelos professores, há muitos livros que descrevem o caminho para o sucesso, tem os chefes, enfim está todo mundo distribuindo as suas teorias e verdades. E acredito que sejam, ótimas quando tidas como meios de nos auxiliarem com experiências, o aprender com o erro do outro, sem necessariamente precisar errar, o que pode não ser garantia, mas ilustra. Tal entendimento cabe para conceitos, definições e classificações, mas não são códigos imutáveis, são impermanentes e na medida da sua realidade e convicção podem ser editáveis. Precisamos respeitar o que veio antes, ou seja, conhecer as ferramentas, as experiências e não apenas porque vivemos em uma democracia, onde os meus direitos acabam quando começam os do outro, mas porque obviamente os sistemas/métodos são criados para orientar/guiar/normatizar, mas devem servir de base e não de verdade absoluta. Ou seja, para aqueles que acreditam na teoria militar da NASA, ou da especialidade da especialidade, onde você trabalha ou é avaliado, apenas em pedaços e nunca como um todo, o que traz um arranjo com poucos benefícios para todos aqueles que não são os detentores de interesses globais de fármacos e afins.

Nesta toada a psicanálise pode ser vista como meio interdisciplinar





na utilização de protocolo que mapeia as ações como: as entrevistas iniciais (tratamento biológico o/ou psicoterápico) para determinar a queixa principal do paciente - estabelecendo inicialmente um diagnóstico provisório. Na sequência os exames do estado mental (o registro do humor e percepção que a pessoa tem do mundo) e do afeto (expressão externa da resposta emocional), os distúrbios de percepção, inteligência/confiabilidade dos relatos e os transtornos cognitivos, avaliando a capacidade de conhecer, de perceber o mundo à nossa volta ou a redução desta capacidade.

Vivemos em um tempo que navega por necessidade de certeza e desejo de liberdade, ao mesmo tempo que na teoria materialmente precisamos de pouco para sobreviver, a recomendação do que ter/fazer para ter uma vida limpa e saudável, precisa de uma investigação com base teórica nível tese de doutorado. Então o que gostaria de propor é de que a mixagem de desejo e necessidade é algo singular e impermanente como a vida, e tal falta de controle deixa todos nós (pessoa física) e mercado (pessoa jurídica) em descompasso sobre a previsibilidade que a ideia de segurança vende fornecer.

Então a busca pelo olhar além dos sintomas que são evidentes, nas disputas, nas críticas múltiplas, no sobre peso, na ausência de momentos exclusivos de autocuidado, na carência de divisões em papéis de cuidado (crianças, velhos, casa, ...) o morar no mesmo bairro, o olhar triste porque o conhecido parece tão usado e lavado, que pouco importa se há adubo ou





tingimento disponível. Talvez seja o meu olhar de incredulidade e um pouco da arrogância impregnada em toda juventude perante os seus antepassados, mas talvez seja a minha mágoa e dor, por anos que tentei fazer parte deste lugar e pouco fui feliz, e até aqui batalhei muito, paguei muita mudança, comecei e recomecei muitas vezes em diferentes CEPs, para ter como cotidianos momentos felizes. A dor e o pesar daqueles que tiveram o seu auge em um passado distante e remoto me gera tristeza, talvez porque ainda não ache que já tive o meu, ou porque vou perceber que o tive e não o disfrutei com o louvor que merecia.







Recentemente vimos noticiado com destaque o processo eleitoral para formação de parte dos conselheiros que vão discutir o plano diretor para Porto Alegre. Muitas dessas discussões giram em torno sobre os índices de autorizações para construção de grandes empreendimentos e, portanto, uma discussão sobre a ocupação territorial do espaço urbano. E o que isso tem relação com o conceito de crime?

Bom, se analisarmos o histórico da formação de grandes cidades, vamos observar uma íntima relação entre crescimento populacional e aumento da chamada criminalidade e da necessidade do apelo a políticas em busca de segurança pública. Mas o espaço urbano sempre foi hostil a quem não tinha dinheiro e/ou estudo. Vejam por exemplo a música Desgarrados escrita por Mário Bárbara e Sérgio Napp em que comentam o contraste da vida urbana como ambiente excludente a quem chega do interior, afirmando que:

“Fazem biscoates pelos mercados, pelas esquinas
Carregam lixo, vendem revistas, juntam baganas
E são pingentes nas avenidas da capital”.

Não incomum e na música também cita, eram pessoas que moravam em cortiços, uma moradia cuja formação pode ser variada, mas marcada pela presença de uma coletividade de famílias que compartilham esse espaço.





Pois bem, e levando em conta que a definição de crime também é definida por discurso, importante ressaltar que muitas das primeiras medidas ligadas à segurança pública e poder de polícia em grandes cidades estão ligadas a ocupação e utilização dos espaços. O início do século XX é marcado pela organização do território urbano, como abertura de grandes avenidas e fechamento de locais insalubres. Muito disso sob o discurso de promoção da saúde pública, pois maior ventilação e circulação de ar passam a ser sinônimos de ambiente livre de doenças. Os cortiços presentes em áreas centrais são fechados por serem insalubres. Não foi à toa que tivemos o conhecido episódio da revolta da Vacina no Rio de Janeiro/RJ. As primeiras normas no Brasil sobre criminalização do uso de drogas ilícitas, no idos dos anos 1930, foi motivada em razão das pessoas que faziam uso dessas substâncias, como derivados da morfina, em público e acabavam dormindo na rua, o que era considerado indesejado por parte da população conforme vamos ver nos relatórios policiais. Isso demonstra como pode ser utilizado a definição de crime como forma de seleção de quem é ou não criminoso. Quem tem o domínio do discurso de controle do espaço urbano vai procurar manter esta situação. Por isso, criminalização de determinados comportamentos como vadiagem e culturas consideradas menores ou retrogradas. Tem um porquê a música “Timbre de Falo” cantada por Pedro Ortaça afirmar:

“Mas nunca esqueça o herege
Que as cidades de importância





Se ergueram nos alicerces
Dos fortins e das estâncias
Não esqueça, de outra parte
Para honrar a descendência
Que tudo aquilo que muda
Muda só nas aparências
E até num bronze de praça
Vive a raiz da querência”.

A referência a hereges, fortins, estâncias e bronzes de praça, estão ligadas à elite e a vinculação de tradição.

Por isso a importância de termos instâncias cada vez mais democráticas de participação social, como conselhos municipais, para romper com reprodução de discursos preconceituosos e seletivos. A população carcerária brasileira ainda é marcada por pessoas não brancas e de baixa escolaridade. Outro dado importante é que dependendo do CEP em que a pessoa reside ela terá maior ou menor probabilidade de ser presa e condenada criminalmente.





Sonhos e suas
(possíveis)
significâncias



No estabelecimento individual do ser humano até a vida adulta, muitos retratam as recordações e memórias de um sonho de forma diferente, me pego afirmando que não tenho frequentes recordações, talvez inconscientemente seja uma resistência?

Talvez, pelas infinitas preocupações da vida adulta, por medos e traumas, e neste arranjo meus relatos/lembranças de sonhos são em sua maioria pesadelos. Hoje com a psicanálise somadas as minhas vivências acadêmicas e experiências pessoais, que me constituem como pessoa física e profissional, sei que são projeções de um espectro vasto de questões, dentre elas o medo e insegurança. Não mais me paralisa como já o fez, e assim organizando as emoções que sim são uma composição de traumas geracionais (algumas de quem veio antes e outras exclusivas minhas) que causam sintomas, assim como o medo de falhar em assegurar a proteção e o zelo a família que constitui. Claro que nesta toada a eficiência e a exatidão não são resultados absolutos e sim um ressignificar em espiral, ou seja, um dia de cada vez com o objetivo de enfrentar e seguir com mais afeto e menos pesar pela minha existência.

No desvendar e entender que o sonho pode ser uma ferramenta para acessar algumas pistas fornecidas pelo inconsciente muitas vezes de forma fragmentada, que precisaram de análise individual, de significância, ou seja o entendimento simbólico que tal fato ou ato tem de forma individual. Pois não há manual ou guia geral de significados ou representações que decodifique o que cada figura/elemento representa de





forma universal, seja porque somos seres com vivências, experiências, famílias, desejos, sonhos singulares, seja porque as correlações e emoções repercutem e vazam em sintomas levando em consideração múltiplos fatores.

A psicanálise objetiva acessar a origem dos sintomas e fantasia/fantasma inconsciente, e assim trazer para o consciente fatos/emoções permitindo que o analisando se liberte do seu sofrimento. Para tal encaminhamento serão utilizados o conteúdo/material fornecido pelo relato do sonho e a significância de cada elemento separadamente, como um quebra-cabeça que para os que praticam, inicia na separação de peças seja por cores, tipos, ou a categoria escolhida. O desvendar deste cenário por um analista, poderá promover o encaixar/desencaixar de peças que demonstram uma comunicação de algo que vaza como sintoma via inconsciente. Por isso que a médio e longo prazo não será uma opção sem efeitos colaterais aterrar ou deixar quieto sintomas, porque as consequências na qualidade de vida não vão desaparecer, pelo contrário vão ganhado espessura.

A utilização da análise dos sonhos pela psicanálise, se divide em quatro estágios do sono: o primeiro é o início do sono, alguns minutos/o sujeito fica relaxado/pensamento pouco coordenado, o segundo seria o sono intermediário, progressivamente mais relaxado, pensamento/corpo mais desordenados e sensações de queda. No terceiro o sono profundo, tornando insensível aos sons e resistência em ser acordado e no quarto o





REM (traduzido para o português Movimento Rápido dos olhos) sono mais profundo (total relaxamento/completo desligamento do mundo exterior), fase que podem ocorrer irregularidades, sonambulismo, respiração e o ritmo cardíaco mais rápidos/irregulares/pressão arterial mais elevada e ocorrência involuntária de excitação.

O que demonstra que na quarta fase do sono/REM, ocorrem mudanças neurofisiológicas ativadas pela área límpida do cérebro, onde estão localizados os impulsos e afetos primitivos, onde o sonho é um fenômeno regressivo, o que na análise pode ser o caminho para acessar as emoções mais primitiva da infância, por exemplo. Então é na quarta fase do sonho, ou na primeira parte do processo de sonhar que ocorre a formação do conteúdo latente, ou seja, pensamentos e desejos inconscientes que ameaçam acordar a pessoa. Nesta fase há três componentes, as impressões sensoriais noturnas, os pensamentos/ideias relacionadas às atividades do dia e os impulsos do id. Tendo como id a presença da pulsão sexual (reproduzir) e a pulsão de autoconservação/do eu (proteger), em constante tensão e disputa. Na elaboração do sonho, ocorrem as operações mentais inconscientes, ou seja, onde o conteúdo latente do sonho se transforma em sonho manifesto, o qual pode não refletir de imediato o desejo que lhe corresponde no chamado sonho latente. O processo da elaboração do conteúdo latente compreende sete fases: a concretização, condensação, desdobramento, deslocamento, representação pelo oposto, representação pelo mínimo e representação simbólica.





Neste contexto de desvendar palavras e estancar sintomas, há um caminho, uma jornada leve ou densa, curta ou longa, tudo será ora penoso, ora glorioso, mas tentar focar no processo, na jornada, talvez auxilie. Porque escolher o caminho de enfrentar, entender e validar o que se sente, modificar relações e afetos é transformar mecanismos e mapeamentos conhecidos e disfuncionais (devido aos sintomas que vazam) e tal ação tem potência transformadora te fato, mas sua inteireza é da família do médio e longo prazo e não da pílula mágica, com milhões de efeitos colaterais não desejáveis. Pela solidez do que transforma, reforma, não desaparece simplesmente, por isso esta jornada não é linear nem universal, ou tem o mesmo ponto de partida ou chegada, ela é única e é só dos que desejam reiteradamente por convicção ou com dúvida, mas com objetivo de viver melhor.





Integridade
Democracia
Saúde
Psicanálise
Ética
Sociedade
Sujeito
Completude
Bioética

Crime e
Controle Social



Neste ano, foi sancionada lei que inscreve os soldados escravizados da Revolução Farroupilha para o Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria. Os lanceiros negros foram massacrados em 1844 na Batalha de Porongos. Bom, cabe lembrar que à época “quem tinha a pele polianga vivia na escuridão; desgareado e acorrentado, sem ter direto a razão”. Mas aí veio a lei Áurea em 1889 e não temos mais negros escravizados. Então te pergunto: e que aconteceu depois?

Bom, o negro que trabalhava nas charqueadas, nas fazendas de cana de açúcar etc. continuou trabalhando nestes mesmos lugares, mas agora seria assalariado. Bom, mas aí em que condições?

Com o patrão cobrando pelas ferramentas, roupas e comidas a preços suficientes a manter este trabalhador preso por dívidas e vendo seu ganho cada vez menor. Mas evoluímos, e nada disso vemos hoje certo?

E o que o Direito Penal tem a ver com isso?

Na necessidade de se manter a ordem e a segurança pública?

Mas como isso ocorre?

No Brasil, até 1940, o Código Penal (casualmente de 1890) tinha o capítulo “dos vadios e dos capoeiras”, tinha o intuito de criminalizar a população negra, que até pouco tempo eram escravos e que mesmo após a abolição permaneceram excluídos e sua imagem associada à criminalidade e a uma estética de atraso social. Geraldo Filme, sambista carioca, retrata bem isso em suas letras, como em “Vá cuidar de sua vida”:





“Crioulo cantando samba era coisa feia
Esse negro é vagabundo, joga ele na cadeia”

Ou em “Tenda dos milagres” de Jorge Amado, que retrata uma Salvador/BA do início do século XX, em que o delegado Pedrito Gordo comenta que “São os mestres [autores fictícios e reais lidos pelos estudantes de Direito da época] que afirmam a periculosidade da negralhada, é a ciência que proclama guerra às suas práticas antissociais, não sou eu”. César Passarinho, em diversas canções retrata cenário parecido.

Em “Negro de 35”, que também é a origem dos versos citados a acima,” ele comenta sobre a participação dos lanceiros na Revolução Farroupilha e a promessa de abolição, que não se concretizou e destaca a importância da lei Afonso Arinos que pela primeira vez, em 1951, inclui como contravenção a injúria racial e proíbe a discriminação por raça e cor. Passarinho neste trecho da canção comenta: “Porque o amor não tem cor, sem cor é a fraternidade”. Lembram que o crime tem seu conceito ligado ao discurso político?

Bom, cabe ressaltar que a primeira metade do século XX é marcada por duas grandes guerras mundiais por uma razão. Elas representam a falência de uma economia baseada em países colonizados e colonizadores. Com a formação dos chamados Estados de Bem Estar Social (resumindo aqui de forma grosseira esse cenário) temos uma nova narrativa disputando espaços.





Não é à toa que o historiador britânico Éric Hobsbaw intitula o século XX como a era dos extremos. Neste contexto, temos outros tipos criminais que buscam continuar perpetuando seu tradicional discurso de controle e previsibilidade social, mas que em um contexto de pluralidade social se mostram preconceituosos e perpetradores de injustiças. E neste sentido e no afã de buscarmos respostas rápidas ou cheias de certezas, é que vamos ter inúmeros exemplos reativos de reprodução de discursos criminalizantes e de que a lei necessita reprimir mais. Mas essa resposta só demonstra o mesmo desejo de indicar a solução partindo do pressuposto de que há uma causa. Mas o cenário complexo necessita de uma visão menos reducionista para compreender que o certo e o errado não estão ligados a conceitos fechados e prontos e que tradição e cultura são referenciais que estão em constante movimento.







Ao pensar nos encaminhamentos psicanalíticos e na evolução da formação, que sim sei ser constante e permanente, e que as inseguranças que vão me acompanhar ao longo da formação e daqui a pouco nos atendimentos, são naturais. Mas que no meu espectro de desejos e objetivos, vinculam as minhas crenças procedentes do coletivo, culturais, familiares (...) e neste potencial de armazenamentos (consciente e inconsciente) que fazem parte de tudo que o novo pode representar na minha vida. Como em um dia de inverno chuvoso, a nevoa que por hora se dissipava também ganha forma concreta, limitando a visão mas também provocando uma forte satisfação de pertencimento. Ou seja, estar lendo, conhecendo e pertencendo a um território que vincula o ser humano a uma prática integrativa, algo que há muito tempo estudo e acredito como cuidado em sua completude, tem uma forte potência de conquista, independente dos temores que venham junto.

A minha primeira memória de cuidado como atividade profissional vem do estágio na faculdade, no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), e alguns meses depois, formada em Relações Internacionais nos corredores do Itamaraty, organizando cerimoniais, palestras sobre o tema em agenda na época, feiras e bienais de livros, que fomentavam a difusão do conhecimento para além do Distrito Federal, mas que mesmo tendo potencial, não alcançam milhares de outras necessidades básicas como a realidade do maior lixão a céu aberto do país, que fica a poucos quilômetros da Esplanada dos Ministérios, e que de lá





muitas famílias precisavam tirar seu sustento. Muito trabalhei para e com esta comunidade que vive na Estrutural, muito me vi ditando boas escolhas e percebendo o quão sem sentido elas eram na vida de quem não tinha saneamento básico ou um cuidador sem dependências química/física e emocional. Vi muitas perdas, de vida, de dignidade e de qualquer relevância pela saúde física/mental. No interesse pelos direitos humanos e suas agendas fiz mestrado em saúde coletiva, com pesquisa na violência de gênero, encontrando a práticas de cuidados segmentada, orbitada em muitos profissionais no cuidado desta mulher vítima de violência, mas que ora o sistema ora os valores morais individuais ganham mais relevância do que a vítima, além claro de uma imensa subnotificação. Importante frisar que evoluímos, aprendemos muito como sociedade e como gestores, mas que há muito a fazer, a cuidar, produzir em termos de cuidado multidisciplinar e legislativos, como o que estamos testemunhando na discussão do Projeto de Lei 1904/24. A construção cartográfica até aqui situa a minha trajetória até a psicanálise como ferramenta de prática de cuidado como profissional qualificada, mesmo tendo como manejo primário, fora da área da saúde (graduação), mas que dentro do arcabouço construído por Sigmund Freud (1856-1939) coloca a psicanálise dentro das ciências humanas, e assim eu diria que traz humanidade a prática integrativa do amplo cuidado.

A psicoterapia é um território de crescimento pessoal, de estabelecer diálogos construtivos e abrir novos canais de comunicação, de transformar





padrões, restabelecer o processo formativo e criativo singular. A prática estabelece a investigação dos acontecimentos através da livre associação do analisando e como atua com as consequências de seus atos e seus efeitos ao longo da vida, no estabelecimento de padrões. No quarteto das teorias psicológicas, temos a mente humana e como ela funciona, o desenvolvimento psicológico, a teoria psicopatológica e o processo terapêutico, com o objetivo de entender e promover crescimento pessoal, com a identificação dos desencadeadores dos sintomas que causam sofrimento e assim tratá-los. As múltiplas ações de cuidado de amplo espectro, que neste texto chamo de cuidado integral, podem ser descritas como as práticas e procedimentos da psicanálise, são elas:

- a livre associação, onde a fala livre e sem interrupção, auxilia no alívio da carga emocional e o sofrimento do analisando;
- o vínculo contribui para compreensão da cadeia de significante para o sujeito;
- psicoterapia promove a reflexão sobre a própria vida, estabelecendo possíveis mudanças;
- Através do olhar analítico e seus procedimentos, podem auxiliar na identificação da origem dos sintomas e a partir de técnicas de investigação promover uma melhora significativa na qualidade de vida do analisando.

Um dos possíveis marcadores de sucesso da evolução sessão após sessão na psicanálise, é a construção da aliança terapêutica, estabelecida





através do seu par analítico. Sendo um importante instrumento no processo de construção de vínculo, porque liga o psicanalista e paciente, sem interdependência de sentimento, mesmo sendo uma relação terapêutica atravessada por afetos de diversas ordens. Por isso é necessário entender o vínculo, as sutilezas que permitem identificar a busca do analisando que podem navegar entre: a aceitação, a orientação, o confronto, assim como os testes de confiança, tendo assim, ao longo das sessões um vínculo sendo estabelecido. Lembrando da prerrogativa do tripe psicanalítico (teoria psicanalítica, análise pessoal e supervisão) visto que o terapeuta pode desenvolver emoções promovidas pelo analisando (contratransferências) o que deve ser uma importante informação a ser observada, para na sua própria análise e ser investigada.







O carnaval é sinônimo de festa. Um período em que não há diferença entre as pessoas e que todos e todas podem participar igualmente.

Esse ano a Portela trouxe como tema do seu samba enredo a obra literária “um defeito de cor”, de autoria da brasileira Ana Maria Gonçalves, que conta a saga de uma mulher africana, chamada Kehinde, que, no Brasil, precisa lutar por sua liberdade e reconstruir sua vida. “Nasci quilombo e cresci favela” diz um dos versos. Em 1988, em comemoração ao centenário da Lei Áurea, a Mangueira colocou o tema em seu samba enredo:

“Será que já raiou a liberdade
Ou se foi tudo ilusão
Será, oh, será
Que a Lei Áurea tão sonhada
Há tanto tempo assinada
Não foi o fim da escravidão
Hoje dentro da realidade
Onde está a liberdade
Onde está que ninguém viu
Moço, não se esqueça que o negro também construiu
As riquezas do nosso Brasil
Pergunte ao Criador
Quem pintou esta aquarela
Livre do açoite da senzala/ Preso na miséria da favela.”





O termo favela remete a exclusão e a manutenção da desigualdade social. Neste contexto, o defeito de cor tem íntima relação com isso, pois a partir deste e sob a justificativa de boa parte das teorias evolucionista, influenciadas, por sua vez, pela teoria das espécies de Darwin interpretavam que a sociedade humana se desenvolvia de forma linear, numa escala entre povos primitivos (povos originários) e povos civilizados (modelos das sociedades europeias ocidentais). Isso justificou uma série de situações e defesas de privilégios. A questão é que não se utiliza a palavra privilégio, mas depreciação ao considerado acinte a civilidade, como a origem do termo denegrir (tornar negro), que justificou exonerações de membros militares e integrantes do governo que haviam se casado com pessoas negras o que era considerado uma depreciação a imagem dessas estruturas. Na criminologia, justificavam a criminalização de negros, uma vez que eram povos primitivos, propensos a cometerem delitos.

Assim, somente determinados grupos sociais (homens brancos) ocupavam cargos e funções públicas e assim para estes eram formuladas políticas públicas e de segurança pública.

Hoje não temos mais como dominante teorias evolucionistas neste sentido, mas ainda persistimos com majoritariamente homens brancos ocupando a maior parte de cargos e funções pública (vejam, por exemplo, a composição de ministros do STF).

Isso favorece que determinados grupos que sempre fizeram parte de grupo dominantes se veem no direito de se manterem nestes lugares





como se isso fosse justificável. Um exemplo recente, é a própria fala de Mauro Cid em defender o rechaço a recomendação do MPF sobre o desmonte dos acampamentos, pois em frente aos quartéis eram espaços exclusivo de deliberação militar e no interesse desses, como se esse interesse não estaria em igualdade com as demais instituições democráticas como o próprio MPF. Além disso, o registro da reunião ministerial de julho de 2022 é mais um exemplo disso, já que é quase debatido abertamente uma outra solução que não a promovida pelo resultado do pleito eleitoral. Aliás, não há como não estar mais dentro de privilégios, do que defender a descrença de instituições que compõem a nossa ordem democrática, como a própria justiça eleitoral. Isso mostra como ainda determinados grupos se sentem ou não compelidos a seguirem regras e normas. Em nome de sua segurança parlamentar, o presidente da Câmara dos Deputados Federais, viajou em pelo menos três destinos durante este carnaval com aviões da FAB ao custo público de R\$ 70 mil o trecho, como se isso lhe fosse de direito.

Começamos falando de carnaval como um ambiente festivo em que todos e todas comemoram juntos e compartilham do mesmo ambiente público. Mas também sabemos que não é bem assim, pois é uma época em que temos aumento de violência de gênero, aumento nas campanhas sobre o respeito ao corpo feminino, como as campanhas de que “não é não”. Sem falar no acesso desigual desses espaços, em que o popular passa longe, com o preço para compra e aluguel das fantasias, ingressos e acesso a





camarotes, shows e abadás. Isso também fortalece que o acesso ao carnaval é um produto para poucos (privilegiados). Pois em alguns casos são apropriações de espaço públicos para determinados grupos na busca também de uma maior sensação de segurança e exclusividade. Não é à toa que a população privada de liberdade nos estabelecimentos prisionais é marcada por pessoas não brancas, pobres e com menores taxas de escolaridade.





Individuação, a
trilha através da
equidade e não da
segmentação.



Presente em grande parte das teorias das ciências humanas, a defesa, para além dos requisitos metodológicos, na ação sempre monumental de validação e aprovação, o que não é prática em outros campos do saber. Por ter uma formação originária e permanecer por ela até aqui fui calejando e entendo que aos humanistas a métrica utilizada era outra. Então para além do que já é referência e posto na guerrilha da credibilidade, sabemos ser desproporcional, mas profundamente estratégica (a jurássica) a disputa pelo salvo conduto e hegemonia de conglomerados e seus interesses representados por alguns profissionais. Neste cenário, assim como a psicanálise, muitas áreas das ciências humanas são marginalizadas, o que impacta em amplo espectro na sociedade. Neste texto, mesmo sendo um tema amplo e de múltiplas abordagens, vou me ater em traçar um paralelo sobre a precarização da compartmentalização do ser humano e o quanto este modo de tratamento não produz saúde e qualidade de vida, a médio e longo prazo.

Algumas áreas do conhecimento são conhecidas por suas subdivisões de temas e matérias, em um ensino tradicional, para além de cadernos e disciplinas, muitos de nós somos provenientes de uma formação monodisciplinar, ou seja, dentro daquele tempo você vai ser ensinado e fazer atividades sobre matemática, suas fórmulas e exercícios de raciocínio, muitas vezes nada lógicos. E esta base de ensino compartmentalizada foi evoluindo das escolas, para as universidades e assim temos especialistas para as mais infinitas enfermidades, assim como nas áreas da saúde, no





direito, nas engenharias, (...) e nas muitas variantes de sindicatos e organizações sociais especializadas em demandas peculiares a cada arranjo de pessoas. Ou seja, há um enfraquecimento de forças coletiva, nesta dança ganham não os que precisam mais ou quem detém prioridade no que clama, mas aquele grupo com o denominador comum em conjunto com os detentores de poder e recursos financeiros, que vão operar juntos e por isso receberão o privilégio, seja de escuta ou de receber o benefício requerido. Pouco há de justiça social e merecimento, há uma lista extensa de quem ganha com esta ou aquela “jogada”.

Nesta toada, pensar, produzir/construir diálogos entre pares e múltiplos profissionais, no intuito de fomentar ações de produção de equidade em um processo de individuação e não na segmentação do indivíduo e suas necessidades, onde o ser humano é singular, específico, visto e avaliado por suas particularidades, parece até ser um desejo inocente. Mas uma das principais propostas da psicanálise e de outros serviços em saúde é o olhar para as pessoas. Frequentemente é a utilização de classificações, com indicação de perfis e o iniciar a descrição indicando muitas vezes que se trata de uma pessoa poliqueixosa. Nesse processo, invariavelmente, se traduz em novas caixas em que a pessoa assistida deve acabar tendo que se reduzir, para “caber”. Nesse processo, dores físicas e inquietações subjetivas são colocadas com soluções diversas, ser mulher, mulher negra, homem, homem branco (...) são também colocados muitas vezes na equação para sinalizar individualidades. O olhar sobre a pessoa





deve procurar aprofundar questões específicas, sejam dores ou angústias, mas sem perder a perspectiva ampliada, que parte de como a própria pessoa se enxerga e se autodetermina. A autodeterminação não é dada ou demonstrada, mas um caminho que cada um trilha e sob seu próprio olhar.

A resistência não é vista como algo que aparece de tempos em tempos, durante a análise, mas é algo constante durante o tratamento. E assim, como nas sessões de psicanálise, a análise da resistência pode revelar o desejo/objetivo de proteção, frente a alguma ameaça que possa comprometer o seu equilíbrio psicológico/físico/... Cabendo ao psicanalista entender as significâncias e referências singulares para cada elemento de forma individual para cada membro do seu setting analítico. E se construirmos uma narrativa de que a resistência a grande parte das teorias humanistas (incluindo a psicanálise) é direcionada racionalmente a favor de muitos interesses e que não é uma questão de dados qualitativos corroborarem ou não em testes clínicos? Pois há uma gigantesca lista e possibilidade de eventos adversos que asseguram muito pouco a legitimidade, e o sucesso de tratamentos, ou que ainda mesmo com o sucesso de uma especialidade, ela pode comprometer uma série de outras áreas físicas e mentais do ser em tratamento.

Utilizando o Teorema da Completude e Incompletude (de Gödel), que trata do princípio de que quem organiza ou funda um conjunto de coisas, está fora do conjunto, ou seja, não há outro no outro. O que podemos trazer como valor epistemológico é potência argumentativa que





será credenciada por quem detém força de execução e nem sempre inteireza moral, ética ou imparcialidade. Mas com ações em cooperação e construções realmente coletivas, que levem em consideração a individuação e não suas partes, de forma compartimentada. Que assim, como a psicanálise, possam “compor a mesa” outras áreas, tanto das ciências humanas como outras, integrando de forma legítima, com iguais direitos, participar dos cuidados e do tratamento de forma múltipla e diversa.





Crime de Golpe de Estado



Dia 08/01/2024 completou um ano dos atos aos três poderes que marcaram boa parte do nosso ano de 2023. Teremos muitas manifestações sustentando diferentes narrativas sobre o mesmo dia. E proponho discutir o crime de golpe de Estado, previsto no artigo 359-M do Código Penal. Esse artigo foi incluído pela lei 14.197 de 2021. Ela revogou a Lei de Segurança Nacional que vigorava desde 1983. Por sua vez, antes desta, tivemos uma série de normas prevendo crimes de proteção a segurança nacional e isso não é exclusividade brasileira. Mas o que é crime neste sentido? E historicamente como tratamos desse tipo penal?

Bom, num primeiro momento, temos a sensação e o desejo de afirmar que está ligado a divisão do certo e errado. De fato este, é o objetivo da lei. Mas como definimos isso?

O crime protege um valor ou interesse socialmente relevante. Então, naturalmente que isso vai depender do contexto histórico. Aí tu me diz, não pode ser, o certo é o certo e pronto, não depende do tempo. Matar, furtar, roubar sempre serão errados, certo? Mas mesmos esses atos, depreendendo do contexto, podem não ser crimes.

Então, o conceito de crime até século XIX era diferente, e tinha relação com o conceito de pecado. Por isso que, na conhecida Idade Média, por exemplo, temos como referências os tribunais inquisitoriais para julgamento dos crimes de heresias.

Vejam, neste contexto, o crime era um comportamento que iria contra à Deus, sendo importante mencionar que a religião fazia parte da





constituição do poder estatal, pois muitos dos países ocidentais eram governados por reinados, cuja coroação e, portanto, legitimidade dependia também da validação da autoridade máxima religiosa. Isso significa que crime também é um conceito político, e assim sujeito as influências do discurso dominante. Por isso, até pouco tempo a legislação em muitos países o crime de sodomia (que inclusive tem origem bíblica da cidade de Sodoma, que assim como Gomorra teria sido destruída por Deus com fogo), ou a criminalização da vadiagem, como forma de controle social em razão do próprio crescimento populacional urbana.

Sim, o direito penal nasce como ferramenta de controle social e assim sujeito ao desejo do governante. E governante, não significa uma pessoa somente, mesmo em um reinado, a corte se mantém, pois há os privilegiados que a sustenta e estes também interferem na própria formação da lei e assim do que é considerado mais grave como crime.

Uso ou não mais intenso ou não de normas controladoras como o direito penal está intimamente ligado a graduação do poder arbitrário do governante. Por isso, que vamos verificar com frequência o uso de execuções criminais públicas em Estados ditoriais ou o uso do discurso da ordem e segurança com mais frequência e em mais casos. A relativização do uso da força, e portanto do direito penal é usado como justificativa. Assim, no Brasil, ao longo dos anos dos governos militares, vamos vislumbrar uma série de decretos desde os anos 1960 até 1983, em busca da manutenção da segurança nacional e associando o controle aos





órgãos de segurança, em especial militares. Mas na formação do Estado democrático, vamos observar o uso menos frequente dessas normas, claro que outras eventualmente serão utilizadas, mas intimamente ligadas à determinadas classes sociais. A lei de 2021 nasce em um período democrático e não se utiliza mais do termo segurança nacional. Claro que uso não garante que lei possa ser utilizada de forma arbitrária, mas o que marca uma democracia são as possibilidades de revisão e reanálise das decisões.





Quando a
resistência e
transferência
constroem
caminhos



Na construção e estabelecimento de uma trajetória, seja ela profissional ou pessoal, depositamos desejos das mais diversas origens, gosto da analogia de se preparar para uma viagem de férias, onde colocamos na mala nossas melhores produções e desejos, e que em comum congregam a “materialização da felicidade”. O que ao longo da jornada de planejar e viabilizar (tirar do plano imaginário) representa uma capacidade de protagonismo perante sua vida, mas que muitas vezes as grandes emoções ou materialização do extraordinário podem estar no dia a dia, na rotina de se equilibrar os desejos e as demandas, ou seja no ordinário. E assim, zonas de fronteiras, dos borramentos e interseções estão introjetadas e performando em vários momentos da nossa vida, percebemos a precarização das “fórmulas universais” e a construção/fomento do que é singular, com múltiplas possibilidades de existir e o debruçar-se em busca da subjetividade.

Para além dos devaneios e desvalorizações de tudo que veio antes, porque obviamente que como tudo e para grande parte da vida, haverá opiniões distintas e por isso, haverá o borramento e as agruras para além da dualidade (bom/ruim e melhor/pior), mas acredito na convergência que alavanca o aprimoramento/desenvolvimento/revolução. Se nos debruçarmos sobre o leque de profissões disponíveis para a formação superior ou no próprio mercado de trabalho nos últimos 50 anos, ou nas muitas possibilidades do cuidado dos nossos filhos de tipos de fralda/educação/alimentação/estímulos extraclasse, ou nas múltiplas





formas de arte, de estilo de vida e de canais de televisão (aberta ou pagas), são exemplos da diversidade de gostos e valores disponíveis. Ou seja, entre as métricas e possibilidades de valores superconservadores e os superliberais, há um vasto cardápio.

E neste cenário a psicanálise traz elementos nada estáticos e uniformes como forma de pensar e auxiliar neste processo de mapear as possibilidades de escuta qualificada, tanto na busca da origem dos sintomas, como o fortalecimento do ego, responsável por coordenar funções e impulsos internos, e fazer com que estes possam prospectar sem conflitos no mundo exterior. Pois é, na disputa com o superego, que luta por perfeição, o ego exige adequação à realidade e o id esforça-se para obter prazer e evitar sofrimento.

Sigmund Freud estabelece que com a transferência acontece o movimento de recordar, repetir e perlaborar, pelo analisando e assim, traz o que estava reprimido no inconsciente para o consciente de eventos e conflitos por vezes da infância. Então para conseguirmos acessar o ego que tem limites pouco precisos, uma parte dentro do consciente, mas também atinge o pré-consciente e o inconsciente, tanto a resistência como a transferência são instrumentos importantes no setting analítico.

Com base na afirmação de que a resistência muitas vezes gerada pela transferência, pode auxiliar o analista e instrumentalizar a investigação, pois através da análise de resistência pode se explicar as diversas funções do ego que são influenciadas pelo id, superego e mundo externo.





Ou seja, compreender como ocorrem as interligações, os gatilhos e significâncias singulares para o analisando, produz a consciência do que estava represado e a partir daí o analisando terá condições de identificar e protagonizar uma nova forma de lidar ora de ressignificar ora se perceber com mais compasso para controlar ou se perceber em situações que não são promissoras. O analista irá auxiliar neste processo não de cura plena e completa, que sabemos que na vida adulta não há pozinho mágico, e sim um caminho que as cicatrizes farão parte, poderemos olhar para ela progressivamente com mais tranquilidade e menos sofrimento, mas elas são nossas, cabendo ao setting analítico construir meios e ações para ressignificar.

A resistência pode ser produzida por medos e receios provenientes de correlações e inseguranças de não corresponder a um ideal e parecer assim “ter defeito” e ao desnudar suas verdades tidas por ele como “mais sombrias” poderá sofrer retaliações como perder o amor ou/e vir a ser de alguma forma punido. Neste cenário cabe a sensibilidade do analista transcorrer o setting analítico sem forçar o paciente a entregar seus segredos, mas também não permitir que os tenha. São progressos e aparentes retrocessos, que o protagonista é o analisando, o analista é muitas vezes espectador e condutor de proposições que terão falas como você se sentiu como nesta situação? O que este fato representa para você? Ter atenção e não trazer sua percepção ou novas palavras que não foram apresentadas pelo analisando, é fundamental, pois o contrário pode





provocar sentimentos como humilhação e depreciação, o que provoca danos e pode comprometer a confiança no setting analítico. O desvendar das significâncias e representações simbólicas são sempre individuais e dão espessura no campo investigativo não para gerar especulações, mas para construir um campo seguro e de tranquilidade, não há corrida e tempo, pois sequer há uma linha de chegada, o objetivo deve ser respeitar os limites e provocar de forma assertiva e segura reflexões que o analisando tem capacidade física e emocional de trabalhar.





Acesso desigual
à justiça



Em junho de 2024, foi deflagrada operação pela Polícia Federal com o objetivo de investigar venda de decisões judiciais por desembargador do TJSP. Se confirmadas as acusações, o magistrado cometeu crime de corrupção. O processo deve ocorrer em razão de foro especial no STJ. Administrativamente, segundo a Lei Orgânica da Magistratura Nacional, é o Órgão Especial do Tribunal de Justiça que deliberará em voto secreto se o mesmo cometeu falta grave ou não, e qual a sua penalidade se for o caso. Em geral, a maior penalidade a um magistrado é sua aposentadoria compulsória. Acredito que muitos ao lerem isso, vão afirmar o quanto isso parece injusto ou desproporcional a outras situações parecidas envolvendo servidores públicos.

Temos no Congresso em tramitação as propostas de emenda constitucional (PEC) e de projeto de lei complementar (PLC) para retirar a aposentadoria compulsória como penalidade para os casos de faltas graves. Mas o que chama também a atenção para o caso é a reação do Desembargador Presidente do TJSP que demonstrou desagravo ao se sentir surpreendido pela operação da Polícia Federal no Gabinete do desembargador, que também foi afastado de suas funções, ambos os fatos autorizados por decisão pelo STJ, uma vez que não fora comunicado previamente da investigação. Ocorre que não há previsão legal para tal comunicado. Me pergunto o quanto convivemos com privilégios em reflexos ao alto grau de desigualdade de condições e acesso à justiça em nossa sociedade. É muito representativo que nossa população privada





de liberdade em estabelecimentos prisionais majoritariamente é marcada por pessoas não brancas, com baixa escolaridade e renda. A seletividade penal aqui, ainda reproduz uma violência institucionalizada reproduzida por preconceitos históricos. O direito e a lei podem ser utilizados como reprodução de discursos em que direitos (privilégios) podem ser perpetuados. A evolução legal envolvendo a política criminal no combate ao tráfico de drogas pode nos mostrar uma preocupação com o aumento de penas do delito de tráfico, assim como na criação de outros delitos como de financiador e informante; além claro da própria diferenciação de pena na década de 1970 ao usuário e que nos anos dois mil tal conduta foi considerada despenalizada e contextualizada na primeira parte do dispositivo legal que passa a reconhecer o uso abusivo de drogas como uma questão política de saúde. Não à toa ainda na década de 1970 Bezerra da Silva canta: “Vou apertar, mas não vou acender agora, se segura malandro, para fazer a cabeça tem hora (...) é que o 281 foi afastado, o 16 e o 14 no lugar ficou (...)” O texto remete ao art. 281 do Código Penal que criminalizava o traficante e usuário indistintamente e que em 1976 passaram a serem condutas com penas diversas em seus arts. 14 e 16.

Mas apesar de toda essa evolução legal, chamo a atenção para os dados publicados pelo Fórum de Segurança Pública em que nos crimes de tráfico de drogas nossas ações de repressão em sua grande maioria decorrem de prisões em flagrantes, ou seja, sem uma investigação prévia; o que resulta na reclusão de pequenos traficantes, não chegando à identidade





do financiador que normalmente não está de posse de drogas. Esse não deixa de ser um cenário em que mais uma vez vamos reproduzir acessos desiguais à justiça pois passamos a mensagem de que prendemos mais e, portanto, reprimimos mais, mas o quanto isso reverbera em justiça e diminuição de desigualdade social?

Neste sentido, não adianta somente a mudança na lei com os seus pacotes de aumento de penas e procedimentos mais céleres, precisamos defender políticas públicas com foco na diminuição das desigualdades sociais e com foco em políticas de acesso a ensino de qualidade, pois assim possibilitamos mais oportunidades e acesso mais igualitário à justiça.





A construção do
ser de suposto
saber



Construir uma escrita ou uma análise utilizando uma linguagem complicada não a faz erudita, apenas um compilado de frases e palavras agrupadas que se misturam e nada representam. O objetivo da psicanálise e de tantas outras ciências não deve ser a segmentação ou sequer a estratificação de um grupo, pois não seria criando uma linguagem codificada (própria) que se ganha mais substrato e profundidade no saber. Acredito no poder do conhecimento de forma linear, no conhecimento como ferramenta de esclarecimento e construção de protagonismo, não de um conhecimento que fomenta o “poder de escolhidos”.

Partindo da prerrogativa de subjetivação onde cada vivente tem múltiplos papéis, ora pode ser seu maior colaborador, ora seu maior carrasco, lembrando que entre os achados binários (heróis e bandidos), há um universo de outras combinações. Deste modo, a psicanálise como um campo progressista, não vai te vender uma ideia de cura absoluta e permanente, mas te auxiliará a descobrir caminhos, muitas vezes tortuosos para enfrentar e superar experiências dolorosas. Que não desaparecerão com o pliplim de um pó mágico, assim como não desaparecerão com pílulas coloridas que prometem efeito instantâneo ou ritual que dizem te entregar um milagre, porque se debruçar em assuntos que já transbordaram em sintomas é uma jornada de coragem, desejo, resistência física e mental.

Não é parque de diversão, e sim uma jornada de mergulhos profundos com um par analítico entrelaçado, (re)construindo, (re)significando e como um espiral vai e volta de tempos em tempos, não





para te assombrar, mas para te apresentar perspectivas que sempre estiveram ali e que estão emergindo do seu inconsciente. À um psicanalista a exigência da tríade (análise pessoal/supervisão/estudo teórico), mas o que sustenta este tripé como ponto fundamental é a análise pessoal, ou seja, a livre associação que será prática utilizada pelo analista precisará estar “em dia/límpida e cristalina” para que o analista consiga acessar o analisando, com a transferência, por exemplo, desvendando o saber que estava inconsciente. Pois é, através da exibição do significante da transferência que a relação analítica acontece, constituindo os primeiros traços de desejo do analisando. E é nesse território que acessamos a verdade do sujeito, ou seja, onde está a causa, o que habita o inconsciente, por isso que na psicanálise, o processo de escuta é o de se fazer saber e não um saber fazer. O desvendar de significâncias e vivências subterrâneas (inconsciente) demonstra que somos resultado de nossa história de vida, por vezes não somos protagonistas, mas efeito dela. E assim, por exemplo, o complexo de castração (origem/formação do recalque) acontece, como consequência da instauração do que vaza, em sintoma, e por este o fazer saber é tão imprescindível, para termos respostas, que geram sentido e significado.

Assim como, Sigmund Freud (1856-1939) executou “a prova real” de sua teoria analítica no seu projeto de autoanálise, que consiste em se compreender para se transformar, o psicanalista precisa adentrar nas significâncias que foram responsáveis pelos marcadores que geram





sintomas. Desta maneira, o desalinhamento produzindo pelo movimento de trazer o que estava inconsciente para a consciência, propicia entendimento e lucidez perante fatos e atos que foram sucessivamente sendo repressados.

Desde minha formação primeira em relações internacionais escuto da precariedade do pertencimento de seus integrantes, ora defendidos como membros da profissão do futuro (que nunca chega), por ora tendo que explicar do que “vivemos e alimentamos”. E agora no encerrar da certificação em psicanálise os argumentos e relatos de marginalização desta prática não me geram desconforto, e não por ser um território conhecido, mas porque há um falso discurso tomado como propriedade e direito adquirido de algumas ciências do conhecimento que se dizem seguras, de práticas seculares. O que me parece uma afirmação no mínimo equivocada, visto que eu como tantos outros habitantes deste planeta já foi diagnosticado de forma errada, já teve seus direitos desrespeitados e já foi alvo de diversos preconceitos. Então o fato de não estar regulamentada por alguém/conselho não traz demérito a psicanálise, muito pelo contrário.

De acordo com Jacque Lacan (1901–1981) a singularidade da psicanálise está no constante aprimorar e partilhar, daquilo que se vivência na situação analítica. O que vai na contramão de outros campos do saber por vezes tidos como tradicionais, o que me parece uma escolha defasada e que pouco se atualiza, visto que o mercado de trabalho e consumo, se transformou profundamente nas últimas décadas. A prova real de que as





práticas psicanalíticas são sólidas, mas muitas vezes desqualificadas por interesses não em manter sua saúde protegida, mas de ampliar o número de pessoas doentes que terceirizam seus cuidados em muitas áreas. E aí há um gargalo gigante e histórico, que por uma infinidade de justificativas possam parecer uma escolha mais segura, dar voz aos especialistas, o que ao meu ver é um disparate, uma escolha perigosa e cheia de efeitos colaterais, muitas vezes irreversíveis e/ou fatais. Pois mais uma vez, te silencia e te proporciona a fantasia de se estar seguro na terceirização de cuidados/determinação do que é certo ou não, lugar do sujeito-suposto-saber, do analista não te dá uma receita com medicamentos e promessas de cura, te leva pela mão ao encontro de respostas em que você protagoniza os acontecimentos de forma ativa.





O Direito Penal



Final de ano. Tempo de festas e recomeços e novas promessas. Também um período de maior movimentação aduaneira. O Rio Grande do Sul tem parte de sua história como cenário a fronteira. Érico Veríssimo narra as dificuldades do cotidiano fronteiriço, Simões Lopes Neto também retrata um pouco dessa região, assim como na música Cenair Maicá canta sobre os balseiros do rio Uruguai e O Dante Ramon Ledesma interpreta “Orelhano”. Esses são clássicos, para se dizer um mínimo, mas também temos uma bela canção do Pirisca Grecco sobre o “Céu da fronteira”. São séculos de um dos nossos mais belos cenários. Por exemplo, Santana do Livramento é uma das maiores cidades do Rio Grande do Sul. Andamos quase 1h de carro na BR-158, até chegarmos a cidade de Rosário do Sul, por exemplo. No ano de 2023, marcaram seus duzentos anos de uma população que sempre conviveu com o diferente, de forma harmônica, onde o fronteiriço é quase uma terceira identidade, já que não se limita em ser uruguaio ou brasileiro, tanto é que se orgulha de ser Fronteira da Paz. Algo como em Orelhano: “São tranças de um mesmo laço sustentando um ideal”.

E é a partir deste cenário que propomos este espaço, com intuito de falar de algo que também está presente em nosso cotidiano da fronteira, em especial sobre crime - como assim?

Tu irás me perguntar, se acabamos de associar nossa convivência a paz?

Bom, uma das coisas que queria justamente discutir é o quanto o





direito penal está presente em nosso dia a dia. Mais do que isso, discutir, a partir de casos, notícias e, por que não, de nossa literatura e músicas regionais vamos perceber essa nossa convivência diária com o ilícito.

Vamos conversar e tirar dúvidas?

Por exemplo, e já que estamos na fronteira, tu sabe a diferença entre descaminho e contrabando?

Ambos são crimes previsto no Código Penal brasileiro e envolvem práticas de entrada de produtos estrangeiros em território nacional. A diferença está na natureza do produto. Quando temos a entrada de um produto proibido, estamos falando de contrabando. Mas quando ocorre isso? O mais comum, são os bens alimentares, como o doce de leite, o queijo etc. Produtos de culturas exógenas como plantas e animais que para serem importados necessitam de autorização específica e caso não tenham, também serão considerados contrabando. Cigarros, mesmo que fabricados no Brasil, mas que direcionados ao mercado externo, mesmo sendo importado sem autorização também serão contrabando. O objetivo de proteção do crime de contrabando é proteger a população, pois a os produtos contrabandeados são produtos que não passaram por controles sanitários e/ou de impacto ambiental dos órgãos de controle brasileiros, como a ANVISA no envolvimento na importação de alimentos e bens de consumo como cigarros e medicamentos. Recentemente, vimos a apreensão de grande quantidade de cebolas e alhos na fronteira com Argentina sendo apreendidos. Eram produtos originários da Argentina e





que os contrabandistas ingressavam em territórios nacional e ensacavam como produto cultivado em território nacional. Vejam a importância do tema, pois uma boa parte da carga apreendida estava imprópria para consumo por estar contaminada por fungo.





Referências



DELEUZE, G & GUATTARI, F. O que é a filosofia? São Paulo, 34, 1992, p. 220. Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz.

DELEUZE, G & GUATTARI, F. Mil platôs, v. 4. Editora 34. 1997.

FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do Sujeito. Editora Martins Fontes. 2006.

LANCAN, Jacque. Escritos. Editora Zahar.1998.

ZIMERMAN, David E. Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, Técnica e Clínica, uma abordagem uma abordagem didática. Editora Artmed. 1999.

DUMONT, Louis. O individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

YUPANQUI, Atahualpa. O pajador perseguido. Tradução Demétrio Xavier. Porto Alegre: Liga Produtora, 2005.



